

CASA DE BONECA

HENRIK IBSEN

**Tradução de Karl Erik Schollhammer e
Aderbarl Freire-Filho**

**(Base para o espetáculo *Nossa Casa de Boneca*, encenação
do
TEATRO DE NARRADORES)**

CENA I

(Uma sala confortável, mobiliada com bom gosto, mas sem luxo. No fundo, à direita, a porta conduz a ante sala. À esquerda a porta que leva ao escritório de Helmer. Entre elas, um piano. Uma mesa redonda, poltronas e um divã pequeno. Uma cadeira de balanço. Uma estufa. Nas paredes, gravuras. É um dia de inverno. Nora entra na sala e coloca muitos embrulhos na mesa. No fundo, uma árvore de Natal.)

NORA- *(Come uns biscoitinhos de amêndoas. Vai na ponta dos pés até a porta do escritório do marido.)* Ah, ele está em casa.

HELMER- *(De dentro.)* Será que estou ouvindo o canto da minha cotovia?

NORA- É ela.

HELMER- É o meu esquilo saltitando?

NORA- Sim, sou eu.

HELMER- E quando o esquilo voltou para casa?

NORA- Agora, agora mesmo. *(Esconde os biscoitos.)* Vem até aqui, Torvald. Vem ver as compras que eu fiz.

HELMER- Estou ocupado. *(Um pouco depois a porta abre.)* Você disse compras? Tudo isso? Meu passarinho gastador jogando dinheiro fora.

NORA- Ah, até lá podemos pedir um empréstimo.

HELMER- Nora! *(Brincando, pega a orelha dela.)* A irresponsabilidade de sempre... Imagine se eu pedisse emprestado mil coroas, você gastasse tudo no Natal e no Ano Novo me caísse uma telha na cabeça e me deixasse estirado no...

NORA-Ai! Não diga isso.

HELMER- E se acontecesse? Então?

NORA- Se acontecesse uma coisa tão terrível assim, tanto faria ter dívidas ou não.

HELMER- E as pessoas que tiverem emprestado o dinheiro?

NORA- As pessoas? Ah, quem se importa com elas? Se nem conheço...

HELMER- Nora, Nora. Tinha que ser mulher. Não, francamente, Nora, você sabe o que eu penso a respeito disso. Nenhuma dívida! Nunca pedir emprestado! Em um lar construído sobre dívidas, empréstimos, se respira um ar de prisão, não existe tranquilidade, alegria. Até hoje nós resistimos bravamente e vamos continuar resistindo pelo pouco tempo que ainda é preciso.

NORA- Está bem, Torvald, como você quiser.

(Aproxima-se da estufa. Ele a segue.)

HELMER- Então, então... Não abaixe as asas minha cotovia. Não fique

zangado, meu esquilinho. (*Mostra sua carteira de dinheiro.*) Nora, o que você acha que eu tenho aqui?

NORA- (*Vira-se rapidamente.*) Dinheiro!

HELMER- Olhe aqui. (*Dá umas notas para ela.*) Eu sei bem o que se gasta numa casa nessa época de Natal.

NORA- (*Contando as cédulas.*) Dez, vinte, trinta, quarenta... Obrigada, obrigada, Torvald. Isso vai dar para muita coisa.

HELMER- Espero que sim.

NORA- Vai sim, vai. Vou mostrar a você as compras que eu fiz. Tão barato! Olhe. Roupas novas para Ivar... e um sabre de brinquedo. Para Bob, um cavalo e uma trombeta. E aqui uma boneca com sua caminha, para Emmy. É muito ordinário, mas como ela vai quebrar logo... E aqui tecidos e aventais para as criadas.

HELMER- E o que tem nesse embrulho?

NORA- (*Gritando.*) Não Torvald! Só a noite você pode ver.

HELMER- Está bem, mas me diga, e você, minha menina perdulária, o que você gostaria de ganhar?

NORA- Ah, eu não quero nada para mim.

HELMER- Claro me diga alguma coisa razoável que você gostaria de ter?

NORA- De verdade., não sei. Ah, sim, Torvald...

HELMER- O que?

NORA- Se você quer mesmo me dar alguma coisa, você podia... podia...

HELMER- E então? Diga duma vez.

NORA- (*Rápido.*) Podia me dar dinheiro, Torvald. Só o que você puder. Assim eu compro alguma coisa para mim qualquer dia desses.

HELMER- Mas, Nora...

NORA- Ah, sim, faça isso por mim, meu querido Torvald, eu peço, suplico. Faço um embrulho com um lindo papel dourado, para pendurar na árvore de Natal. Não vai ser divertido?

HELMER- Nem cotovia, nem esquilo, qual é o pássaro que mais desperdiça...?

NORA- Ah, Torvald, aí vou ter tempo para pensar e escolher o que mais preciso. Não acha melhor assim? Não acha?

HELMER- (*Sorrindo.*) Pode ser. Isto é, se você realmente guardar o dinheiro que estou dando e realmente comprar alguma coisa para você. Mas você acaba gastando na casa e em coisas inúteis. E depois eu tenho que dar de novo mais dinheiro.

NORA- Ah, Torvald, mas...

HELMER- Não adianta negar, minha menina que gosta de gastar dinheiro. É impressionante como fica caro para um homem manter...um passarinho que

gasta tanto.

NORA- Não diga isso, Torvald. Eu economizo tudo que posso.

HELMER- (*Rindo.*) É verdade. Tudo o que pode. Mas não pode muito.

NORA- (*Sorrindo.*) Se você soubesse, Torvald, as despesas que nós, cotovias e esquilinhos, temos.

HELMER- Você é engraçada. Igual a seu pai. Faz tudo para arranjar dinheiro, mas assim que consegue, parece que o dinheiro se evapora nas suas mãos. Nunca sabe o que faz com ele. Bom, tenho que lhe aceitar como você é. Está no seu sangue. Sim, sim, sim... essas coisas são herdadas.

NORA- Bem que eu gostaria de ter herdado as qualidades do meu papai.

HELMER- E eu não queria que fosse diferente do que é, minha doce cotovia. Mas olhando bem, você parece que... como eu posso dizer... tem um jeito... de quem fez alguma coisa que não devia...

NORA- Eu tenho?

HELMER- Tem. Olhe nos meus olhos, será que minha menina gulosa fez alguma travessura na cidade?

NORA- Não, como você pode pensar uma coisa dessas?

HELMER- A minha gulosa não deu mesmo uma passadinha na confeitaria?

NORA- Não, juro que não, Torvald.

HELMER- Não deu uma lambidinha num pote de geléia?

NORA- De jeito nenhum.

HELMER- Nem uma mordidinha num biscoitinho ou dois de amêndoas.

NORA- Eu seria incapaz de fazer qualquer coisa que lhe desagradasse.

HELMER- Eu sei... Você me deu a sua palavra. Bem guarde os seus segredos de Natal. Eles vão ser revelados hoje à noite, quando a árvore for acesa.

NORA- Você se lembrou de convidar o dr. Rank?

HELMER- Não, mas não é preciso, é claro que ele janta conosco. De qualquer forma, vou convidá-lo quando ele passar aqui daqui a pouco. Já encomendei um bom vinho. Ah, Nora, como espero esta noite!

NORA- Eu também. E as crianças vão adorar.

HELMER- Como é bom pensar que consegui esse lugar no Aktiebanken... Só pensar nisso já é um prazer. Lembra do Natal do ano passado? Você passou três semanas fechada, todos os dias, até depois da meia-noite, para fazer flores e enfeites para a árvore de Natal e tanta coisa mais. Ah, não me lembro de época mais enjoada.

NORA- Eu não me aborreci nem um pouquinho.

HELMER- Mas o resultado foi um fracasso, Nora.

NORA- Não comece a rir de mim outra vez. Eu tive alguma culpa culpa do gato entrar e rasgar tudo?

HELMER- Não, claro que não teve... Você teve a maior boa vontade de

agradar a todo mundo e isso é o que importa. Mas é bom que os tempos de penúria tenham acabado.

NORA- É maravilhoso!

HELMER- Agora não preciso ficar aqui sozinho me aborrecendo e você não precisa castigar seus benditos olhinhos e suas mãozinhas delicadas.

NORA- Não é mesmo, Torvald? Não é preciso, não é mais preciso. Nunca mais. Ah, é tão bom ouvir isso! Agora vou dizer como penso em organizar nossa vida depois do Natal. Ah! (*A campainha toca.*) Está chegando alguém. Que pena.

HELMER- Não estou em casa para ninguém.

CENA II

(Entra Senhora Linde)

Linde- Bom dia, Nora.

Nora- (Sem reconhecer.) Bom dia.

Linde- Não me reconhece.

Nora- Não, acho que não. Ah! Cristina, é você mesma?

Linde- Sim sou eu.

Nora- Cristina! E eu sem reconhecer. Também, como poderia...? Você está tão mudada, Cristina.

Linde -É acho que estou. São nove, dez longos anos.

Nora- Faz tanto tempo em que não nos vemos? E se você soubesse como tenho sido feliz nos últimos oitos anos. Chegou hoje aqui na cidade? Você foi corajosa de fazer uma viagem tão longa assim em pleno inverno.

Linde- Cheguei no vapor hoje de manhã.

Nora- Para festejar o Natal, naturalmente. Ah, como é maravilhoso e como vamos nos divertir! Mas tire esse abrigo. Aqui não está frio. (Ajuda-a a tirar o casaco.) Venha, vamos ficar aqui perto da estufa. Ah, agora você está com o seu rosto de sempre. Está só....só um pouco pálida, Cristina, um pouco mais magra.

Linde- Talvez, um pouco mais velha, Nora.

Nora -Talvez, um pouco mais velha...um pouquinho, nem tanto. Ah, mas como sou egoísta, fico aqui tagarelando, Cristina, querida você me perdoa?

Linde- O que você quer dizer, Nora?

Nora- Pobre Cristina, você ficou viúva.

Linde- Há três anos.

Nora- Eu sabia, vi no jornal. Cristina, você tem que acreditar. Pensei muitas vezes em escrever naquela época, mas sempre adiava, sempre acontecia alguma coisa.

Linde- Claro que entendo, Nora.

Nora- Não Cristina. Foi horrível da minha parte. Ah, pobre Cristina. Você deve ter sofrido muito. Ele não lhe deixou nada?

Linde- Não.

Nora -E nem um filho?

Linde- Não.

Nora- Nada, então?.

Linde- Nem mesmo uma dor...nem uma saudade.

Nora- (Olhando sem acreditar.) Como é possível, Cristina?

Linde- Às vezes acontece, Nora.

Nora- Assim, sozinha....deve ser tão pesado para você. Eu tenho três filhos maravilhosos .Ah,você não pode ver nenhum agora porque eles saíram com a criada.Mas conte tudo.

Linde- Não,não ,não.Conte você.

Nora- Não você começa. Hoje não quero ser egoísta.Hoje só quero pensar em você. Mas só uma coisa eu preciso contar. Sabe a grande felicidade que nos aconteceu esses dias?

Linde- Não. O que aconteceu?

Nora- Imagine, meu marido foi nomeado diretor do banco, do Aktiebanken.

Linde- Seu marido? Que sorte!

Nora- Não é mesmo?Viver de advocacia é tão incerto....sobre tudo quando só se aceita causas justas.Como o Torvald....e nisso eu sempre concordei com ele.Você não pode imaginar como estamos cheios de esperança. Ele vai assumir a diretoria já no Ano Novo e então terá um salário alto e boas comissões.Aí vamos ter uma vida muito diferente.Ah, Cristina, como me sinto leve....feliz!É tão bom ter bastante dinheiro e não precisar se preocupar,não é mesmo?

Linde- Pelo menos é maravilhoso ter o necessário.

Nora- Não,não apenas o necessário,mas muito,muito dinheiro.

Linde-(Sorrindo)Nora, Nora, ainda não tomou juízo.NA escola você era uma grande gastadora.

Nora -(Rindo.) Torvad também diz que sou.Começando com o dedo.)Mas “Nora,Nora” não é tão maluca como vocês pensam.E também,até agora não tivemos muito dinheiro para jogar fora.Sempre precisamos trabalhar muito,os dois.

Linde- Você também?

Nora- Nada ,trabalhos manuais,tricô,bordados,umas coisas assim.(Sem dar importância.)E outras coisas mais....Mas no primeiro ano fora desse emprego se esforçou demais, tinha que procurar serviço por todo lado, e trabalhava o tempo inteiro,da manha à noite.Aí não agüentou e caiu doente....gravemente.Os médicos disseram que ee precisava fazer uma viagem ,ir para o Mediterrâneo.

Linde- Eu soube.Vocês passaram um ano na Itália?

Nora - Exatamente.Não era fácil viajar,como você pode imaginar.Ivar tinha acabado de nascer....mas era preciso ir.Foi uma viagem maravilhosa,LINDA.Salvou a vida de Torva.Mas custou tanto dinheiro,Cristina.

Linde- Posso imaginar.

Nora- Uns quatro mil reais.Um dinheirão ,não é?

Linde- Mas nesses casos é ,pelo menos,uma grande sorte ter esse dinheiro.

Nora - Eu lhe conto:foi papai quem deu.

Linde - Ah!foi nessa época em que seu pai morreu ,não foi?

Nora - naquela época.E ,imagine,eu sem poder sair daqui para cuidar dele.Estava esperando que de um dia para outro nascesse Ivar.E Torvald tão mal,precisando de mim.Papai querido!Nunca o mais o vi Cristina.Foi o pior momento que passei na minha vida de casada.

Linde - Você gostava muito dele.E então...a viagem?

Nora - Sim,tínhamos o dinheiro e os médicos diziam que não podíamos esperar mais.Viajamos um mês depois,mais ou menos.

Linde - E seu marido voltou totalmente recuperado?

Nora - Novinho em folha.

Linde - Ah! Esse médico então....?

Nora - O que ?

Linde -Acho que ouvi a criada dizer que era um doutor que chegou junto comigo.

Nora- Ah,o doutor Rank.Não vem como médico.É nosso melhor amigo e passa aqui em casa pelo menos uma vez por dia.Torvald nunca mais esteve doente,desde aquela época.E as crianças são saudáveis e eu também.(levanta-se num pulo,aplaudindo.) Ah ,meu Deus,meu Deus, Cristina.Como é maravilhoso viver e ser feliz....ah,mas que coisa feia!Não paro de falar de mim.(Senta-se numa cadeira ao lado de Linde, colocando as mãos nos joelhos dela.) Não fique zangada comigo, por favor. Me diga ,é verdade mesmo que você não amava seu marido? Então porque casou com ele?

Linde - Minha mãe ainda era viva,mas já não saía da cama, e precisava da minha ajuda.E eu também tinha que cuidar dos meus dois irmãos pequenos.Não podia recusar a proposta.

Nora - Acho que você está certa.Então...ele era rico?

Linde - Ele estava muito bem....Mas os negócios dele eram incertos,Nora.Quando morreu,veio tudo abaixo,não ficou nada.

Nora - E depois?

Linde - Eu precisei me arranjar abrindo uma lojinha e também uma pequena escola e o que mais podia inventar.Os últimos três anos foram como um único e enorme dia de trabalho sem descanso para mim..Acabou agora,Nora.minha mãe não precisa mais de mim.Morreu,coitada.E meus irmãos também não precisam.Tem seus empregos e se sustentam sozinhos.

Nora;Deve ser um grande alívio .

Linde - Ao contrário,um enorme vazio.Ninguém a quem dedicar a vida! (Levanta-se , inquieta.)Por isso,não agüentava mais aquele fim de mundo.Aqui deve ser mais fácil encontrar coisa pra fazer e para ocupar meus pensamentos.Se eu tivesse a sorte de encontrar um emprego fixo....

Nora - Mas é tão duro ,Cristina,e você já se cansou tanto.O melhor seria você passar um tempo numa estação de águas.

Linde - (Aproxima-se da janela.)Mas eu não tenho nenhum papai para me dar o dinheiro da passagem,Nora.

Nora(Levanta-se.)Ah,não fique zangada comigo.

Linde –Nora, querida, você é que não deve se zangar comigo.O pior dessa situação que me deixa muito amarga...Não ter ninguém pra quem trabalhar...e mesmo assim não poder desistir.Eu tenho que viver!....Aí acabamos ficando egoístas .Você não vai acreditar: agora,por exemplo, quando você me contou sobre sua nova situação eu fiquei mais feliz por mim mesma do que por vocês.

Nora –Porque? Ah! Você está querendo dizer que talvez Torvald possa lhe ajudar?

Linde – Sim ,foi no que pensei.

Nora – E ele vai fazer isso, Cristina. Deixe nas minhas mãos.Primeiro vou preparar o terreno com muito cuidado.Vou inventar uma coisa alegre para deixá-lo de bom humor.Ai, Cristina,eu quero tanto ajudar você.

Linde – Como você é boa, Nora... se interessar assim por mim.Tão boa!....para quem quase não conhece os males e as dificuldades da vida.

Nora – Eu...?Eu quase não conheço os...?

Só os trabalhos manuais e outras coisas assim...Você é uma criança,nora.

Nora – (Levanta a cabeça e cruza a sala.)Você não devia ter esse ar de superioridade.

Linde – Como?

Nora – Você é como os outros .Todo mundo que eu não sirva para nada sério...

Linde – Calma!

Nora - ...que eu nunca passei por nenhuma dificuldade desse mundo.

Linde – Nora , querida, você acabou de me contar as suas dificuldades.

Nora - A miudeza!(Com voz baixa) Não contei a maior de todas.

Linde – A maior? O que você quer dizer?

Nora – Você me diminui ,me trata como se eu valesse menos do que você,Cristina,mas não devia fazer isso.Você se orgulha de ter trabalhado duro tanto tempo para ter que sustentar sua mãe.

Linde – Eu não acho que valho mais do que ninguém.Mas é verdade: fico orgulhosa e contente quando penso que pude dar algum alívio a minha mãe nos seus últimos tempos.

Nora – E voce também se orgulha quando pensa no que fez para seus irmãos.

Linde – Acho que tenho esse direito.

Nora – Também acho. Mas, agora você também vai ouvir uma coisa,Cristina.Eu também tenho motivo para me sentir orgulhosa e contente..

Linde – Não duvido.Mas do que esta falando?

Nora – Psiu, mais baixo ,Cristina.Imagine se Torval ouvisse!Ele não pode saber...de jeito nenhum!Ninguém pode saber,Cristina.Ninguém alem de você.

Linde – Saber do que?

Nora – Aqui,mais perto.(Leva-a para o sofá ao lado)Fui eu quem salvou a vida de Torvald!

Linde – Salvou?Como salvou?

Nora – contei da viagem ,não foi?Torvald não estaria vivo se não tivesse feito essa viagem.

Linde – Eu sei.E seu pai deu o dinheiro que era preciso a vocês.

Nora – (Sorrindo.) É o que Torlvaad pensa e todo mundo,mas....

Linde – Mas?

Nora – papai não me deu um centavo.Fui eu que arranhou o dinheiro.

Linde – Você ? Aquele dinheiro todo?

Nora – Quatro mil reais.O que você me dia agora?

Linde – Mas, Nora...de onde você tirou esse...?Você ganhou na loteria?

Nora – Na loteria? Que mérito teria?

Linde – Mas onde você conseguiu?

Nora – (Cantarolando e sorrindo enigmaticamente.) Hum tralalalala.....

Linde – Porque pedir um empréstimo você não podia.

Nora – Não?Porque não?

Linde – Não.Porque uma mulher casada não pode pedir um empréstimo sem o consentimento do seu marido.

Nora – (Orgulhosa.)Ah,mas quando é uma mulher casada que tem algum talento para os negócios ,uma mulher casada astuciosa , então...

Linde – Mas, Nora, não estou entendendo como....

Nora – Nem precisa.Eu não disse que pedi dinheiro emprestado.Poderia ter conseguido de outra maneira.(Joga-se no sofá.)Poderia ter recebido de algum admirador.Uma mulher atraente como eu....

Linde – Você é doida.

Nora – Esta morrendo de curiosidade ,Cristina.

Linde – Escuta,Nora , querida.Você não agiu levianamente?

Nora – É leviano uma pessoa salvar a vida do marido?

Linde – O que eu acho leviano é que sem o conhecimento dele....

Nora – Mas se ele não podia saber de nada!Pelo amor de Deus,você não entende?Ele não podia saber do perigo de vida que corria.Foi comigo que os médicos falaram para dizer que a vida dele estava em perigo, que nada podia salva-lo só uma temporada viajando..Você aha que não tentei primeiro com jeito...eu lhe dizia como seria maravilhoso para mim viajar para o estrangeiro,como as outras recém –casadas.Eu chorava, suplicava,dizia que no

estado em que eu estava ele devia ser gentil e atende aos meus desejos. Dei a entender que ele devia pedir um empréstimo. Aí ele quase sempre se zangava, Cristina. Que eu era leviana e que era o dever dele como marido não ceder aos meus caprichos – como ele dizia. Então eu me disse: “Está bem, está bem, eu vou salva-lo de qualquer jeito.” E foi aí que encontrei uma saída.

Linde – E seu marido não soube pelo seu pai que o dinheiro não era dele?

Nora – Não, nunca. Papai morreu exatamente naquele dia. Tinha pensado em contar tudo a ele e pedir segredo. Mas como ele estava tão doente...infelizmente, não foi preciso.

Linde – E você nunca confiou nada ao seu marido?

Nora – Não, pelo amor de Deus. Como você pode pensar numa coisa dessas. Ele é tão rigoroso nessas coisas! E depois, seria uma humilhação para Torvald, com seu amor próprio masculino, saber que me devia alguma coisa. Ia desestruturar totalmente a nossa relação. Destruir a felicidade do nosso lar.

Linde – Você nunca vai dizer a ele?

Nora – (Pensativa e sorridente.) Talvez, com o tempo. Daqui a muitos anos, quando eu já não for tão bonita quanto agora, quando ele já não se alegrar mais me vendo dançar, me fantasiar, declamar. Aí vai ser bom ter uma carta na manga. (Muda.) Bobagem, bobagem. Esse dia não vai chegar nunca. Então, o que você me diz do meu grande segredo, Cristina? Eu não sirvo também para alguma coisa? Pode acreditar, esse caso me trouxe muitas preocupações. Não tem sido fácil para mim cumprir os compromissos de pagamentos nos prazos certos. Eu explico. Existe, no mundo dos negócios, uma coisa chamada juros e uma coisa chamada prestações. E tudo isso é muito difícil de administrar. Tive que poupar aqui e ali, onde podia, você entende? Do orçamento da casa não era possível tirar nada, porque Torvald precisa viver bem. Também não podia deixar as crianças mal vestidas. O que recebia para elas devia usar só com elas. Minhas benditas crianças.

Linde – Então, o dinheiro que seria para seus gastos pessoais foi o que pagou o empréstimo? Pobre Nora!

Nora – Claro. Era o que mais me pertencia. Cada vez que Torvald me dava o dinheiro para novos vestidos, por exemplo, nunca gastava mais do que a metade, sempre comprava os mais simples e os modelos mais baratos. Sorte a minha que tudo me cai tão bem, Torvald nunca notou nada. Muitas vezes foi difícil, porque é tão bom andar bem vestida, não é mesmo?

Linde – Claro que é.

Nora – Também tive outras fontes de renda. No inverno passado por sorte me apareceu um trabalho, uns documentos para copiar. Eu me trancava em casa e escrevia todas as noites, até altas horas. Ah, as vezes ficava tão cansada, tão cansada...mas, por outro lado era muito bom trabalhar e ganhar dinheiro. Era

quase como se eu fosse um homem.

Linde – Mas quanto você conseguiu pagar dessa maneira?

Nora – Não sei dizer exatamente. Nesse tipo de negocio, você não imagina, é muito difícil ter o controle das contas. Eu só sei que dei tudo o que consegui juntar. Muitas vezes não sabia o que fazer. (Sorrindo.) Então ficava sentada aqui, imaginando que um rico se apaixonava por mim.

Linde – Um rico? quem?

Nora – Bobagens. E que tinha morrido e quando abrissem o testamento estaria escrito com letras bem grandes: “deixo toda a minha fortuna para a encantadora senhora Nora Helmer, que deve receber imediatamente e em dinheiro vivo.”

Linde – Mas que é ele, Nora querida, esse homem?

Nora – Ai Deus, você não entende? Esse homem não existe. Era só uma coisa que eu ficava pensando muitas vezes, quando não encontrava outra saída para conseguir o dinheiro. Mas não importa. O infeliz desse rico pode ficar onde estiver, não preciso mais dele, nem do seu testamento. Porque agora me liberei desse peso. (Levanta-se.) Ah, meu Deus, como é delicioso pensar nisso, Cristina. Não ter mais problemas. Sem problemas, totalmente sem problemas e poder brincar e pular com as crianças. a casa linda e bem arrumada, como Torvald gosta. E a primavera que está chegando, com o céu limpo e azul. Aí vamos poder talvez viajar um pouco, talvez eu possa rever o mar. Ah, é tão maravilhoso viver e ser feliz. (Escuta-se a campainha na sala.)

Linde – (Levanta-se) A porta. Talvez seja melhor eu ir embora.

Nora – Não, fique. Aqui nunca vem ninguém, deve ser para Torvald.

CENA III

KROGSTAD - Sou eu, senhora.

(Linde assusta-se e vira-se para a janela.)

NORA - *(Avança um passo em direção a ele, tensa e à meia-voz.)* O senhor? O que o senhor quer? Para que quer falar com meu marido?

KROGSTAD - Nada, negócios... Eu tenho u pequeno cargo no Aktiebanken e agora, pelo que ouço dizer, seu marido será o nosso diretor.

NORA - Trata-se então de...

KROGSTAD - Assuntos de trabalho... Nada mais.

NORA - Então tenha a bondade de entrar no escritório? *(Despede-se, indiferentemente, fechando a porta. Volta para perto da estufa.)*

LINDE - Quem é esse homem, Nora?

NORA - O advogado Krogstad.

LINDE - Então é ele mesmo?

NORA - Você conhece esse sujeito?

LINDE - Eu o conheci há muitos anos atrás. Durante uma época ele foi procurador-assistente no nosso distrito.

NORA - Eu me lembro.

LINDE - Como está mudado!

NORA - Parece que teve um casamento muito infeliz.

LINDE - E agora é viúvo, não é mesmo?

NORA - Com muitos filhos. *(Sobre a estufa.)* Agora o fogo pegou. *(Abre a porta da estufa e afasta a cadeira.)*

LINDE - Dizem que está metido em todo tipo de negócios.

NORA - Ah, é? Pode ser, eu não sei nada disso. Mas não vamos falar mais de negócios, é tão desagradável.

(Entra o doutor Rank, vindo do escritório de Helmer.)

RANK - *(Ainda na porta, falando para Torvald.)* Não, não, não quero incomodar, prefiro conversar um pouco com sua mulher. *(Fecha a porta e repara na senhora Linde.)* Ah, perdão, parece que sou demais aqui também.

NORA - Não, de jeito nenhum. *(Apresenta.)* Doutor Rank. Senhora Linde.

RANK - Ah... um nome que se escuta com ferquência nesta casa. Acho que cruzei com a senhora na escada, quando cheguei.

LINDE - Foi sim. Eu subo muito devagar, me cansa muito.

RANK - Ah! Algum problema de saúde?

LINDE - Apenas cansaço.

RANK - Nada mais? E a senhora veio descansar... nas festas?

LINDE - Vim procurar trabalho.

RANK - Será um bom remédio contra o cansaço?

LINDE - As pessoas têm que viver, doutor.

RANK - É o que todo mundo diz: que é preciso viver.

LINDE - Ora, doutor Rank, o senhor também gosta de viver.

RANK - Claro que gosto. Apesar das minhas misérias, prefiro continuar sofrendo o maior tempo possível. E todos os meus pacientes pensam da mesma maneira. E também pensam assim os que sofrem de males morais. Agora mesmo deixei no escritório de Helmer um homem que sofre desses males.

LINDE - *(Em voz baixa.)* Ah, é?

NORA - Que quer dizer com isso?

RANK - Esse advogado... Krogstad. Um homem que você não conhece. Ele é podre até a raiz do seu caráter. Mas até ele começou a falar dizendo, solenemente, que precisava viver.

NORA - E sobre o que ele queria falar com Torvald?

RANK - Não tenho idéia. Só escutei que era alguma coisa sobre o Aktiebanken.

NORA - Eu não sabia que Krogs... que esse advogado, Krogstad, tinha alguma coisa a ver com o Aktiebanken.

RANK - Tem. Deram a ele uma espécie de emprego lá. *(Para a senhora Linde.)* Não sei se lá onde a senhora mora também é assim, se estão sempre farejando atrás de podridões morais. E quando encontram alguém contaminado internam esse indivíduo num bom cargo para poder observá-lo. Enquanto isso os saudáveis ficam de fora.

LINDE - Mas são os doentes os que mais precisam ser internados.

RANK - É esse pensamento que faz da nossa sociedade um hospital.

(Nora absorve nos próprios pensamentos, subitamente dá um riso baixinho e bate palmas.)

RANK - Por que ri disso? Você sabe, de fato, o que é uma sociedade?

NORA - O que é que eu tenho a ver com essa sociedade... sem graça? Eu ri de uma coisa muito diferente, uma coisa muito divertida. Ah, doutor Rank, diga... de agora em diante todos os empregados do Aktiebanken vão depender do Torvald?

RANK - É isso que você acha tão divertido?

NORA - *(Sorrindo e cantarolando.)* É uma coisa minha, uma coisa minha.

(Começa a andar pela sala.) É mesmo muito engraçado pensar que nós... que Torvald agora tenha tanto poder sobre tanta gente. *(Pega o pacote dos biscoitos.)* Doutor Rank, aceita um biscoitinho?

RANK - Ora, ora, biscoitos de amêndoas! Eu pensava que eram proibidos aqui.

NORA - Estes Cristina me deu.

LINDE - O que? Eu?

NORA - Não, não fique assustada. Como você ia adivinhar que Torvald me proibiu? Sabe por que? Ele tem medo de que estraguem os meus dentes. Mas não faz mal... Só essa vez. Não é, doutor Rank? Por favor. (*Enfia um biscoito na boca do doutor Rank.*) E um para você também, Cristina.. E para mim também, só um menorzinho... está bem, dois. (*Começa a andar de novo.*) Ah, estou muito, muito feliz. Agora só existe uma coisa no mundo que eu tenho uma vontade doida de fazer.

RANK - Ah, é? E o que é?

NORA - Uma coisa que tenho a maior vontade de dizer na frente de Torvald.

RANK - E por que não diz?

NORA - Não, não tenho coragem, é feio demais.

LINDE - Feio?

RANK - Então, não aconselho... Mas para nós dois você pode. O que é que você tem tanta vontade de dizer na frente de Helmer?

NORA - Eu tenho uma vontade doida de gritar: estou com o diabo no corpo!

RANK - Louca, louca!

LINDE - Deus me livre, Nora.

RANK - Diga. Aí está ele.

NORA - (*Escondendo o pacote dos biscoitos.*) Psiu.

(*Helmer entra, vindo do seu escritório, com o casaco sobre o braço e o chapéu na mão.*)

NORA - (*Para ele.*) Então, Torvald querido. Livrou-se dele?

HELMER - Foi embora.

NORA - Posso apresentar? É Cristina, que acabou de chegar na cidade.

HELMER - Cristina...? Desculpe, mas eu acho que não sei...

NORA - A senhora Linde, querido. Cristina Linde.

HELMER - Ah, sim. Provavelmente uma amiga de infância da minha esposa?

LINDE - Somos amigas dos velhos tempos.

NORA - E imagina: ela agora fez essa longa viagem para falar com você.

HELMER - Comigo?

LINDE - Bem... não é bem assim...

NORA - Cristina tem muito jeito para trabalhar em banco, escritório... E além disso tem muita vontade de trabalhar com um homem capaz, para aprender mais.

HELMER - É muito sensato de sua parte, minha senhora.

NORA - E quando ela soube que você foi nomeado diretor do banco - saiu

uma notícia - ela viajou o mais rápido que pôde para cá. Não é verdade, Torvald, que você pode fazer alguma coisa por ela, para me agradar?

HELMER - Não é tão impossível. A senhora é viúva?

LINDE - Sou.

HELMER - E tem prática em trabalhos de escritório?

LINDE - Bastante.

HELMER - Nesse caso, é bem provável que eu possa lhe arranjar um emprego.

NORA - (*Aplaudindo.*) Viu? Viu?

HELMER - A senhora chegou no momento certo.

LINDE - Oh... como posso agradecer?

HELMER - Não tem do que. (*Veste o casaco.*) Mas agora precisam desculpar-me.

RANK - Espere. Eu vou com você. (*Pega o casaco de peles e esquentando na estufa.*)

NORA - Não demore muito, Torvald.

HELMER - Uma hora, no máximo.

NORA - Você também vai, Cristina?

LINDE - (*Vestindo-se.*) Preciso ir procurar um quarto.

HELMER - Então podemos descer a rua juntos.

NORA - (*Ajudando Linde.*) É uma pena vivermos numa casa tão pequena, é impossível para nós...

LINDE - Ah, não pense nisso... Adeus, Nora, querida. E obrigada por tudo..

NORA - Até logo. Porque hoje à noite você tem que vir. E você também, doutor Rank. O que? Se melhorar? É claro que vai melhorar. É só se abrigar bem.

(*Todos saem, conversando.*)

CENA IV

(A porta entreabre-se e aparece o advogado Krogstad)

KROGSTAD - Perdão, senhora Helmer.

NORA - *(Solta um grito abafado, vira-se ergue-se rapidamente)* Ah, que deseja?

KROGSTAD - Desculpe-me, a porta estava só encostada. Alguem deve ter esquecido de fechá-La.

NORA - *(levata-se totalmente)* Meu marido não está em casa, senhor Krogstad.

KROGSTAD - Eu sei.

NORA - Então o que o senhor quer?

KROGSTAD - Trocar umas palavras com a senhora.

NORA - Comigo?

KROGSTAD - Sim, com a senhora.

NORA - Hoje? Mas ainda não é dia primeiro.

KROGSTAD - Não, hoje é véspera de natal. E a alegria desta noite vai depender da senhora.

NORA - O que é que o senhor quer? Hoje eu não posso de jeito nenhum.

KROGSTAD - Por enquanto, não vamos falar desse assunto. A senhora tem alguns minutos?

NORA - Tenho, apesar de...

KROGSTAD - Ótimo. Eu estava no restaurante de Olsen e vi seu marido descer a rua.

NORA - Ah, sim.

KROGSTAD - Em companhia de uma senhora.

NORA - E o que...?

KROGSTAD - Posso fazer uma pergunta? Essa senhora não é por acaso a senhora Linde?

NORA - É.

KROGSTAD - Acaba de chegar?

NORA - Sim, hoje.

KROGSTAD - É sua amiga?

NORA - Sim, é. Mas não vejo...

KROGSTAD - Eu também a conheci há muito tempo.

NORA - Eu sei.

KROGSTAD - Ah, é? Então a senhora já está sabendo. Imaginei. Posso fazer

uma pergunta direta? A senhora Linde vai ter um emprego no Aktiebanken?

NORA - Como se atreve a me interrogar sobre isso, senhor Krogstad? O senhor que é um subordinado do meu marido? Mas já que pergunta, vou He dizer. Sim, a senhora Linde vai ganhar um emprego. E fui eu que a recomendei, senhor Krogstad. Agora já sabe.

KROGSTAD - Então eu estava certo.

NORA - *(Começa a andar pela sala)* Como o senhor vê, tenho alguma influência. Mesmo sendo mulher não significa que... Quando se está numa posição subalterna, senhor Krogstad, é preciso tomar cuidado de não ofender ninguém que...

KROGSTAD - ...que tenha influência.

NORA - Exatamente

KROGSTAD - *(mudando de tom)* Senhora Helmar, pois tenha a bondade de usar a sua influência a meu favor.

NORA - O que? O que quer dizer?

KROGSTAD - A senhora teria a bondade de interceder para que eu continue na minha posição subalterna no banco?

NORA - Que significa isso? Quem pensa em tirar seu emprego?

KROGSTAD - A senhora não precisa fingir de inocente na minha frente. Eu sei que sua amiga não quer correr o risco de encontrar-se comigo, e, aias, agora sei a quem devo agradecer a minha demissão.

NORA - Mas eu garanto que...

KROGSTAD - Está bem, está bem...só digo isso: ainda há tempo e eu lhe aconselho a usar sua influência para impedir que aconteça.

NORA - Mas, senhor Krogstad, eu não tenho influência nenhuma.

KROGSTAD - Não tem? Tenho a impressão de ter ouvido a senhora dizer que...

NORA - Claro, não quis dizer...Eu...Como pode imaginar que eu tenha tanta influência sobre meu marido?

KROGSTAD - Eu conheço seu marido do nosso tempo de estudantes. E duvido muito que o senhor diretor do banco seja mais inflexível do que outros maridos.

NORA - Se vai falar com desprezo do meu marido a porta está aberta, é melhor tomar o caminho da rua.

KROGSTAD- A senhora é muito corajosa.

NORA - Eu não tenho mais medo do senhor. Depois do ano novo vou estar livre dessa história toda.

KROGSTAD - *(Controlando-se)* Preste atenção minha senhora. Se for preciso, lutarei para manter meu cargo no banco como se estivesse lutando pela minha vida.

N - Estou vendo que sim.

KROGSTAD - E não é só por causa do salário. Isso é o menos importante. Mas por outra coisa que... Bem, vou lhe dizer. A senhora naturalmente sabe, assim como todo mundo, que uma vez, há muitos anos atrás, eu cometi uma... imprudência.

N - Acho que ouvi falar alguma coisa.

KROGSTAD - O caso não chegou aos tribunais, mas imediatamente fecharam-se todas as portas para mim. Por isso, comecei a dedicar-me ao tipo de negócios que a senhora sabe. Eu tinha que fazer alguma coisa para sobreviver, e posso dizer que não fui pior do que outros. Mas, agora, preciso me livrar de tudo isso. Meus filhos estão crescendo e por ee tenho que recuperar a minha reputação... burguesa. O cargo no banco era um primeiro degrau. E agora o seu marido quer me empurrar escada abaixo, de vota à lama.

N - Por Deus, Senhor Krogstad, eu não posso fazer nada para ajuda-lo.

KROGSTAD - Porque a senhora não quer. Mas eu tenho meios para obrigá-La.

NORA - O senhor não vai contar ao meu marido que eu lhe devo dinheiro?

KROGSTAD - Hum... e se eu contasse?

NORA - Seria vergonhosos de sua parte. *(Com o choro engasgado na garganta)* Esse segredo, que é a minha alegria e meu orgulho... ser descoberto de uma maneira tão fria e suja... revelado pelo senhor. Ia me deixar numa situação muito desagradável.

KROGSTAD - Desagradável, só?

NORA - *(Com ênfase)* Faça como quiser. Será pior para o senhor... meu marido vai ver que espécie de homem o senhor é. E, aí sim, perderá mesmo seu emprego.

KROGSTAD - Eu perguntei se a senhora tem medo apenas da situação desagradável em casa.

NORA - Se meu marido souber, ele naturalmente vai pagar o que ainda falta e depois não teremos mais nada a ver com o senhor.

KROGSTAD - *(Avança um passo)* Ouça, senhora Helmer. Será que a senhora não tem boa memória? Ou não sabe nada mesmo de negócios? Eu vou precisar esclarecer melhor o seu caso.

NORA - Como?

KROGSTAD - Quando seu marido estava doente, a senhora me procurou para pedir 4.800 coroas emprestadas.

NORA - Eu não conhecia a mais ninguém.

KROGSTAD - Prometi conseguir esta quantia.

NORA - E conseguiu.

KROGSTAD - Sob certas condições. A senhora estava tão preocupada com a

doença do seu marido e tão ansiosa de arranjar dinheiro para a viagem que, eu acho, não deu muita importância aos detalhes. Por isso não é inoportuno lembrar deles agora. Prometi conseguir o dinheiro em troca de uma promissória que eu mesmo redigi.

NORA - E que eu assinei.

KROGSTAD - Muito bem. Abaixo, acrescentei algumas linhas dizendo que seu pai garantia a dívida. Essas linhas o seu pai devia assinar.

NORA - Devia? Mas ele assinou.

KROGSTAD - Eu tinha deixado a data em branco, para que seu pai datasse no dia em que assinasse o documento. A senhora se lembra?

NORA - Sim, acho que sim.

KROGSTAD - E He entreguei a promissória para que a senhora a mandasse por correio para seu pai. Não foi assim?

NORA - Foi.

KROGSTAD - E naturalmente a senhora fez isso logo. Porque uns cinco ou seis dias depois me devolveu a promissória com a assinatura do seu pai. Então, eu lhes entreguei o dinheiro.

NORA - E o que mais? Eu não tenho pago pontualmente?

KROGSTAD - Pontualmente. Mas, voltando ao que eu dizia... Aqueles tempos devem ter sido difíceis para a senhora.

NORA - Muito difíceis.

KROGSTAD - Seu pai estava muito doente, eu acho.

NORA - Estava no fim de sua vida.

KROGSTAD - E morreu logo depois.

NORA - Sim.

KROGSTAD - Diga-me, senhora Helmer, a senhora lembra, por acaso, odia da morte de seu pai? O dia do mês, quero dizer...

NORA - Papai morreu em 29 de Setembro.

KROGSTAD - Exatamente. Foi o que descobri. Por isso mesmo há uma coisa curiosa...*(Tira um papel)*...que eu não consigo explicar.

NORA - Uma coisa curiosa? Não sei do que o...

KROGSTAD - É curioso, minha senhora, que seu pai tenha assinado esta promissória três dias depois da sua morte.

NORA - Como? Não estou entendendo.

KROGSTAD - Seu pai morreu no dia 29 de Setembro. Mas, ohe aqui: ee assinou e datou 2 de Outubro. Não é muito curioso, senhora Helmer? *(Nora fica calada)* Pode me explicar? *(Nora continua calada)* Também é estranho que as palavras “dois de Outubro”, e o ano, não estejam escritos com a letra do seu pai, mas com uma letra que eu acho que conheço. Está bem, isso se explica. Seu pai pode ter se esquecido de datar e alguém, sem nenhum

problema, fez isso, antes de saber da sua morte. Não há nada de mal nisso. O que conta é a assinatura. E ela é autêntica, não é, senhora Helmer? Foi realmente seu pai, ele mesmo, quem escreveu seu nome aqui?

NORA - *(Após um breve silêncio, joga a cabeça para trás e o olha com teimosia)* Não, não foi. Fui eu quem escreveu o nome de papai.

KROGSTAD - A senhora deve saber que essa é uma confissão perigosa.

NORA - Porque? Se muito em breve o senhor terá o seu dinheiro...

KROGSTAD - Posso fazer uma pergunta? Porque não mandou o documento para seu pai?

NORA - Era impossível. Papai estava doente, e se pedisse sua assinatura ia ter também que contar para que eu queria o dinheiro. E não podia dizer a ele, tão doente, que a vida do meu marido corria perigo. Era impossível.

KROGSTAD - Teria sido melhor desistir dessa viagem ao exterior.

NORA - impossível. Aquela viagem ia salvar a vida do meu marido e eu não podia abrir mão dela.

KROGSTAD - Mas a senhora não dava conta de que estava me enganando?

NORA - Eu não tinha tempo para pensar nessas coisas. E não gostava do senhor. Não lhe suportava mais, por causa de todas as exigências que fazia friamente, mesmo sabendo do perigo que meu marido corria.

KROGSTAD - Senhora Helmer, a senhora aparentemente não tem noção da gravidade do seu ato criminoso. Mas posso lhe dizer que não foi nem mais nem menos o que eu fiz e que arruinou a minha reputação.

NORA - O senhor? Quer me convencer que fez algo corajoso para salvar a vida da sua esposa?

KROGSTAD - As leis não querem saber dos motivos.

NORA - Então são eis muito ruins.

KROGSTAD - Ruins ou não, se eu apresento esse documento diante de um tribuna, a senhora será condenada de acordo com essas leis.

NORA - Não posso acreditar. Uma filha não teria o direito de poupar o seu velho pai doente...morrendo, de angústias e preocupações? Uma mulher não teria o direito de salvar a vida do seu marido? Eu não conheço as leis a fundo, mas tenho certeza de que deve estar escrito em algum lugar que isso é permitido. O senhor que é advogado devia saber. Não sabe? Para um especialista em eis, o senhor é muito incompetente, senhor Krogstad.

KROGSTAD - Pode até ser. Mas de negócios, negócios como este que nós temos juntos, eu entendo muito bem, a senhora não acha? Bom, faça como quiser. Mas eu aviso, se eu afundar pela segunda vez, a senhora me fará companhia. *(Ele se despede e sai atravessando a sala)*

CENA V

NORA – (*Começa a decorar a árvore de Natal.*) Aqui eu ponho uma vela. E aqui algumas flores. Que homem repugnante!...Só queria me assustar. Não há nada de errado. A árvore vai ficar linda. Vou fazer tudo o que você deseja, Torvald. Vou cantar para você, dançar para você...(*Helmer entra com um pequeno embrulho de papéis embaixo do braço.*) Ah, você já está aí?

HELMER – Já veio alguém aqui?

NORA – Aqui? Não.

HELMER – Que estranho. Eu vi o Krogstad sair pela porta da frente. Conversar com um homem dessa espécie e até se comprometer com ele? E ainda mentir para mim.

NORA – Mentir?

HELMER – Você não disse que ele esteve aqui? (*Helmer a ameaça com o dedo em riste.*) A minha cotovia nunca mais vai fazer isso. Uma cotovia precisa ter o bico limpo para cantar bem, sem desafinar. (*Abraça Nora.*) Nunca mais, não é? (*Solta Nora.*) E agora não vamos falar mais nisso. (*Senta-se diante da estufa.*) Ah, como está bom aqui! (*Começa a olhar seus documentos.*)

NORA – (*Continua decorando a árvore. Depois de um tempo.*) Torvald.

HELMER – Sim.

NORA – Estou louca que chegue o baile a fantasia que os Stenborg vão dar depois de amanhã.

HELMER – E eu estou muito curioso de saber qual a surpresa que você vai me fazer.

NORA – Ah, uma bobagem...

HELMER – O que é?...

NORA – Não encontro nada que sirva. Tudo fica tão sem graça.

HELMER – Agora o problema é esse?

NORA – (*Atrás da cadeira dele, com os braços sobre a cadeira.*) Você está muito ocupado, Torvald?

HELMER – Ah...

NORA – Que documentos são esses?

HELMER – Uns papéis do banco.

NORA – Já?

HELMER – Eu pedi a diretoria que vai sair que me dê plenos poderes para fazer as mudanças necessárias de pessoal e de projetos. Vou fazer isso agora, na semana do Natal.

Quando chegar o ano novo quero ter tudo pronto.

NORA – Então é por isso que esse pobre Krogstad...

HELMER – Humm...

NORA – (*Ainda encostada na cadeira começa a acariciar sua nuca.*) Se você não estivesse tão ocupado eu ia lhe pedir uma favor, muito grande, Torvald.

HELMER – Diga. Que favor?

NORA – Não conheço ninguém que tenha o seu bom gosto. Eu queria ficar bem bonita para o baile à fantasia. Torvald, você não podia fazer isso comigo, escolher minha fantasia?

HELMER – Ah, então a menina sabichona está precisando de socorro?

NORA – É sempre assim, Torvald... Eu não chego a lugar nenhum sem sua ajuda.

HELMER – Está bem. Vou pensar no assunto. Você entende o que isso se significa

NORA – Ele não pode ter feito por necessidade?

HELMER – Pode... ou então, como muita gente, por impudência. Mas não tenho um coração tão duro para condenar um homem por um único deslize.

NORA – Eu sei que não...

HELMER – Muitos homens conseguem se reabilitar, confessando abertamente sua culpa e aceitando o castigo.

NORA – Castigo?

HELMER – Mas Krogstad na escolheu esse caminho. Ele quis se safar com truques e outros expedientes e foi isso que o arruinou.

NORA – Você acha por causa disso...?

HELMER – Imagine, Nora, depois disso, um homem, consciente do seu erro, precisa mentir, dissimular para todo mundo. Tem que usar uma máscara até mesmo em casa, para sua esposa e seus filhos. Seus filhos!... isso é o mais terrível, Nora.

NORA – Por que?

HELMER – Porque a atmosfera empestuada, de mentiras, envenena e contagia a vida do lar. Quando as crianças respiram numa casa assim se contaminam com os germes dessa podridão.

NORA – (*Aproximando-se por trás.*) Você tem certeza disso?

HELMER – Ah, querida, como advogado eu pude comprovar isso desde cedo. Quase todos os jovens criminosos tiveram mães mentirosas.

NORA – Mas por que exatamente as mães?

HELMER – Geralmente a culpa é da mãe. Mas, é claro, o pai também influencia muito. Qualquer advogado sabe disso. E mesmo assim esse Krogstad envenenou is seus próprios filhos anos e anos, dentro da sua casa, com mentiras e dissimulações. É por isso que eu o considero um homem sem

caráter. (*Oferece as mãos.*) E é por isso que a minha querida Nora vai prometer não defender mais esse homem. Aqui, as suas mãos... O que é isso? Me dê suas mãos... assim. Então? Estamos combinados? Eu juro que seria impossível para mim trabalhar com ele. Sinto um mal-estar... físico quando fico perto de gente assim.

NORA – \(*Solta as mãos dele e vai para o outro lado da árvore de Natal.*) Que calor está aqui! Eu tenho tanto que fazer.

HELMER – (*Levanta-se juntando seus papéis.*) E eu também preciso ler isso antes de jantar. Depois quero pensar na sua fantasia. E acho que tenho uma coisa para pendurar na árvore de Natal, uma coisa embrulhada num papel dourado. (*Coloca a mão sobre a cabeça dela.*) Ah, meu passarinho cantor...! (*Entra no seu escritório fechando a porta.*)

NORA – (*Pálida de horror.*) Corromper os meus filhos! Envenenar o lar! (*Pequena pausa, ergue a cabeça.*) Não é verdade. Não pode ser. Nunca, nunca, nunca. (*Fim do primeiro ato.*)

Cena VI

A mesma sala ,depois da festa de natal.A árvore num canto ao lado do piano,desfeita,as velas queimadas,casaco e capas jogados sobre o sofá.Nora sozinha na sala,caminhando inquietamente ,para no sofá para pegar o casaco.

Nora- (*Soltando o casaco.*)Alguem está chegando..*(Escutando a porta.)*Não ,não é ninguém.Hoje,dia de Natal,não vem ninguém,éclaro!E amanhã também não.Mas ,quem sabe...*(Abre a porta e olha.)*Não,não tem nada na caixa do correio..Está vazia.Ah,que maluquice.Claro que ele não vai fazer isso.Não pode acontecer,não pode....meus três filhinhos.*(Começa a desembulhar uma caixa,mas acaba jogando tudo na mesa.)*Tolice,não vai vir ninguém.Melhor não pensar.Escovar o mufte...que luvas bonitas!Esquecer,esquecer...Um ,Dois,Três...quatro,cinco,seis...*(dá um grito)*Tem alguém aí.*(Vai para a porta,mas para indecisa.Entra a senhora Linde,da ante-sala,onde deixou o casaco e a capa.)*

Nora- Ah,é você Cristina...Não tinha mais ninguém lá fora?Que bom que você veio.

Linde- Eu soube que você me procurou.

Nora- Sim,eu passei na tua casa agora há pouco.Preciso da sua ajuda.Vamos sentar aqui no sofá?Vai haver um baile à fantasia amanhã à noite na casa do cônsul Stenborg,aqui em cima.E Torvald quer que eu me fantasie de pescadora napolitana e dance a tarantela que aprendi em Capri.

Linde- Veja só,então você vai ser o espetáculo.

Nora- O Torvald quer.Olhe,aqui está a fantasia.Ele mandou fazer para mim ainda lá,em Capri.Mas já está num estado que

Linde- Vamos arrumar isso já-já.Só descosturou uma coisa aqui ,outra ali.Agulha e linha .Ah,aqui está tudo que eu preciso.

Nora- Como você é boa!

Linde- (*Costurando.*)Então você vai se fantasiar amanhã, Nora?Sabe?Eu vou passar aqui para ver essa pescadora napolitana.Ah,esqueci completamente de agradecer pela noite maravilhosa de ontem.

Nora- (*Levantando-se e começando a andar.*)Ontem eu achei que não foi tão maravilhosa como nos outros anos.Você já devia ter voltado para cá antes,Cristina.O Torvald tem o dom de transformar a casa ,ela fica gotosa,agradável.

Linde- E você também,eu acho.Bem filha do seu pai.Só uma perunta...o doutor Rank é sempre assim tão abatido como ontem?

Nora- Não tanto, ontem estava mais. Coitado, está muito doente, uma mal que ataca a sua medula. Parece que o pai dele não valia de nada, um homem cheio de amantes, que bebia, e.... O fisco pagou por isso, foi sempre meio doente, desde criança... você entende?

Linde- Deixando a costura.) Como é que você sabe dessas coisas, Nora?

Nora- (*Caminhando pela sala.*) Quando alguém já teve três filhos, as vezes recebe visitas de... senhoras que... são meio..... medicas e sabem umas coisas que...

Linde- (*Vota a costurar. Breve silencio.*) O doutor Rank vem aqui na sua casa todos os dias?

Nora- Todos os dias, todos. É o melhor amigo de juventude de Torvalds. E ficou meu amigo também. O doutor Rank é como se fosse de casa.

Linde- Mas me diga uma coisa. Esse homem é sincero de verdade? Quero dizer, ele não quer só agradar as pessoas?

Nora- Pelo contrario. Porque você diz isso?

Linde- Quando você me apresentou a ele ontem, ele disse que sempre escutava o meu nome aqui na sua casa. Mas depois eu vi que seu marido não tinha a menor idéia de quem eu era. Como podia o doutor Rank então....?

Nora- É verdade, Cristina, mas posso explicar. Torvald me adora tanto que quer que eu viva só para ele, como ele diz. Logo no começo ele morria de ciúmes cada vez que eu falava das pessoas que eu queria bem. Aí parei de faar. Mas com o doutor Rank eu conversei o que quero, ele gosta de me escutar, entende?

Linde- Ouça, Nora. Em muitas coisas você é ainda uma criança, e eu sou mais velhado que você e tenho mais experiência. Por isso vou lhe dar um conselho. Você precisa acabar essa historia com o doutor Rank.

Nora- Que historia?

Linde- Já percebi tudo. Ontem você me falou de um admirador rico que ia lhe arranjar dinheiro.

Nora- Uma pessoa que não existe, infelizmente. Mas, o que isso tem a ver com....?

Linde- o doutor Rank é rico?

Nora- É.

Linde- E não tem nenhum dependente?

Nora- Não, ele não tem ninguém. Mas...?

Linde- E ele vem todos o dias aqui na tua casa?

Nora- Já disse que sim.

Linde- Como é que um homem que parece tão fino pode chegar a esse ponto?

Nora- Não estou entendendo nada.

Linde- Não finja, Nora. Você acha que eu ainda não descobri quem lhe emprestou quatro mil e oitocentas coroas?

Nora- Você perdeu o juízo? Como você pode pensar uma coisa dessas? Um amigo nosso que vem aqui todos os dias? Em que situação eu ia ficar!

Linde- Então não é ele? Mesmo?

Nora- Não, juro que não. Nunca, em nenhum momento podia pensar nisso.. E também, naquela época, ele não tinha dinheiro para emprestar. Só depois recebeu uma herança. Linde- Nora, querida, que sorte a sua.

Nora- Nunca pensaria em pedir ao doutor Rank. Mas ...tenho certeza que se pedisse...

Linde- Você não vai fazer isso, não é?

Nora- Não de jeito nenhum. E acho que nem mais é preciso. Mas tenho certeza que se eu falasse com doutor Rank....

Linde- Escondida do seu marido?

Nora- Eu preciso me livrar dessa outra coisa, que também fiz escondida dele. Preciso sair disso.

Linde- O que eu lhe disse ontem...

Nora- (*Caminhando inquietamente.*) Um homem pode resolver melhor esses negócios do que uma mulher.

Linde- Um homem? So se for seu marido.

Nora- Bobagens. (*Ela para.*) Quando você paga tudo o que deve, recebe de volta a nota promissória, não é mesmo?

Linde- Pelo que entendo sim.

Nora- E pode rasgar em cem mil pedaços esse papel nojento... e jogar no fogo.

Linde- (*Olha fixamente para ela, arga a costura e se levanta lentamente.*) Nora, você está me escondendo alguma coisa.

Nora- Como você sabe?

Linde- Alguma coisa aconteceu depois de ontem de manhã. O que foi?

Nora- (*Aproximando-se dela.*) Cristina! (*Escuta.*) Psiu! Torvald está chegando. Anda, vai para o quarto das crianças. Torvald odeia me ver costurando ou ...

Linde- (*Arrumando as coisas.*) Está bem. Mas eu não vou embora antes de ter uma conversa sincera com você. (*Sai à esquerda, no momento em que Helmer entra da ante-sala.*)

CENA VII

NORA – (*Indo ao encontro de Helmer.*) Ah, Torvald , querido como eu te esperei!

HELMER – Era a costureira?

NORA – Não, Cristina. Está me ajudando a arrumar a fantasia. Vou ficar linda, você vai ver.

HELMER – Não foi boa a minha idéia?

NORA – Ótima. Mas, e eu? Não mereço também ser elogiada porque vou me fantasiar como você quer?

HELMER – Elogiada? Porque obedeceu a seu marido? Ora, ora, sua maluquinha, eu sei que você não queria dizer isso. Mas não vou mais lhe incomodar. Vá provar a fantasia, pode ir.

NORA – E você, vai trabalhar?

HELMER – Vou (*Mostra um pacote de papéis.*) Olhe aqui. Estou vindo do banco... (*Encaminha-se para o escritório.*)

NORA – Torvald.

HELMER – (*Parando.*) Que?

NORA – Se o seu esquilincho lhe pedir uma coisa com muito carinho...?

HELMER – Que coisa?

NORA – Você faz?

HELMER – Preciso saber o que.

NORA – Se você for bom comigo, seu esquilincho vai dar pulinhos de alegria.

HELMER – Então diga.

NORA – A cotovia vai cantar em todos os cantos da casa...

HELMER – Mas minha cotovia já faz isso o tempo todo.

NORA – Eu podia brincar de fada e dançar para você a luz do luar, Torvald.

HELMER – Nora, não me diga que se trata daquilo que você me falou hoje pela manhã.

NORA – (*Aproximando-se.*) É sim, Torvald. Por favor.

HELMER – Você tem coragem de falar nisso outra vez?

NORA – Por favor, diga que sim, deixe Krogstad continuar no seu lugar no banco.

HELMER – Nora, minha querida, esse lugar é o da senhora Linde, você sabe disso.

NORA – Sei, Torvald, mas você pode demitir outro funcionário em vez de Krogstad.

HELMER – Que teimosia inacreditável! Só porque vcê fez uma promessa sem pensar, de interceder por esse homem, eu tenho que...

NORA – Não é por isso, Torvald. É por você. Você mesmo disse que esse homem escreve nos piores jornais. Ele pode lhe fazer um mal que você não imagina. Eu morro de medo dele.

HELMER – Ah, entendo. São as lembranças do passado...

NORA – O que você quer dizer?

HELMER – O seu pai.

NORA – Pois então, não lembra o que essa gente escreveu nos jornais sobre papai, as calúnias todas? Estou convencida de que ele seria demitido, se o Ministério não tivesse mandado você para fazer a apuração do caso e se vc não tivesse sido bem intencionado e não estivesse disposto a ajudá-lo.

HELMER – Nora, minha querida, há uma diferença enorme entre eu e o seu pai. O seu pai não era um funcionário inatacável. Mas eu sou e espero continuar assim enquanto estiver nesse cargo.

NORA – Mas ninguém sabe o que as más línguas podem inventar. E logo agora que podemos viver tão bem, tranquilos, e felizes...uma casa feliz, sossegada, sem problemas. Você, eu, as crianças... Torvald! É por isso que eu peço tanto.

HELMER – E é justamente por que é você quem pede que eu não posso ficar com ele no Aktiebanken. Já sabem lá no banco que vou demitir Krogstad. Se aparecem rumores de que o novo diretor do banco mudou de idéia influenciado pela mulher...

NORA – O que é que tem?

HELMER – Nada, o importante é a menina teimosa satisfazer seu capricho...não importa que eu seja ridicularizado por todos os empregados. Daí por diante vão achar que eu sou influenciado pela opinião de qualquer um. Pode acreditar, logo, logo eu ia sofrer as conseqüências. E ainda há outra razão para Krogstad não ficar no banco enquanto eu for diretor.

NORA – Qual?

HELMER – Eu até posso, excepcionalmente, ignorar sua falta de caráter.

NORA – Pode, não é Torvald?

HELMER – Principalmente, porque eu sei que ele é competente. Mas nós nos conhecemos desde que éramos jovens. Uma dessas amizades irresponsáveis que depois nos incomodam a vida toda. Naquele tempo, naturalmente, nos tratávamos com intimidade, chamávamos um ao outro pelo primeiro nome, Nils, Torvald. Pois esse sujeito tem a petulância de me tratar ainda hoje com a mesma intimidade, na frente de estranhos. Mais ainda, ele se acha no direito de usar um tom familiar comigo. Para aparecer, a toda hora ele diz “você, Torvald, isso”, “você, Torvald, aquilo”... É muito... embaraçoso para mim. Ia

acabar ameaçando minha posição no banco.

NORA – Torvald, você não está falando tudo isso à sério.

HELMER – Ah, não? E por que não?

NORA – Não, porque isso seria uma motivo muito mesquinho.

HELMER – O que é que você disse? Mesquinho? Você me acha mesquinho?

NORA – Não, pelo contrário, Torvald. Por isso mesmo...

HELMER – Não adianta. Você chamou os meus motivos de mesquinhos.

Então eu também devo ser. Mesquinho. Já entendi! *(Uma pequena pausa.)*

Basta, isso já chega. *(Tira uma carta do meio dos seus papeis, assina e põe no envelope.)* Agora você vai ver minha menina obstinada.

NORA – *(Assustada.)* Torvald, que carta é essa?

HELMER – A demissão de Krogstad.

NORA – Não mande essa carta, Torvald. Faça isso por mim e por você... e pelos nossos filhos. Está me ouvindo, Torvald? Por favor! Você não sabe o que está fazendo contra nós.

HELMER – Agora é tarde.

NORA – Sim... tarde demais.

HELMER – Nora, querida, eu lhe perdôo por esse medo que você sente, embora no fundo seja uma ofensa contra mim. É isso, uma ofensa. Ou não é uma ofensa achar que eu teria medo de um advogazinho? Mas eu lhe perdôo, apesar de tudo, porque é uma prova, linda, do grande amor que você sente por mim. *(Ele a abraça.)* Tem que ser assim, minha adorada Nora. Aconteça o que acontecer. Na hora em que for preciso, você vai ver que eu tenho coragem e tenho força. Você vai ver que eu sou homem de assumir todas as responsabilidades.

NORA – *(Apavorada.)* O que você quer dizer com isso?

HELMER – Todas as responsabilidades, todas.

NORA – *(Mais controlada.)* Nunca vou deixar você fazer isso.

HELMER – Tudo bem, então dividimos, Nora. Como marido e mulher. Como deve ser. *(Acariciando-a.)* Está satisfeita agora? Pronto, porque esses olhos de pombinha assustada? Se tudo isso é só imaginação. Vá ensaiar a tarantela, dançar, tocar... Vou mandar esta carta por um mensageiro e depois vou me trancar no escritório. Pode fazer o barulho que quiser. *(Ele se vira na porta.)* E quando Rank chegar diga a ele onde estou. *(Ele faz um sinal de despedida e sai com seus papéis para o escritório, fechando a porta.)*

NORA – *(Confusa e com medo, parece petrificada. Sussurra.)* Ele foi capaz de fazer isso. Está fazendo, apesar de tudo. Nunca, nunca. Tem que haver uma saída! *(Toca a campainha.)* Doutor Rank! Qualquer coisa menos isso. Seja o que for. *(Passa a mão sobre o rosto, tenta voltar a si e vai abrir a porta.)*

CENA VIII

(O dr. Rank está fora, pendurando seu casaco de peles. Durante esta cena, começa a escurecer.)

NORA - Boa tarde, dr. Rank. Reconheci o jeito de bater. Mas não vá agora para o escritório do Torvald. Acho que ele está ocupado.

RANK - E a senhora?

NORA - *(Ele entra na sala e ela fecha a porta.)* Ah, o dr. Rank sabe... para o senhor sempre tenho tempo.

RANK - Obrigado. Farei bom uso da sua generosidade no tempo que ainda resta.

NORA - O tempo que resta...?

RANK - Isso a assusta?

NORA - Não sei, é um modo de falar muito estranho. Está acontecendo alguma coisa?

RANK - Está... mas eu me preparei para isso durante muito tempo. Só não esperava que acontecesse tão cedo.

NORA - *(Segurando o braço dele.)* O que? Não vai me contar, doutor?

RANK - *(Senta-se ao lado da estufa.)* Estou cada dia pior. E não há nada a fazer.

NORA - *(Aliviada.)* Ah, está falando do senhor?

RANK - De quem seria? Não adianta mais mentir para mim mesmo. Sou o mais desventurado de todos os meus pacientes, senhora Helmer. Nos últimos dias tenho me dedicado a um balanço do meu *status*: a falência. Em um mês posso estar apodrecendo no cemitério.

NORA - Ai, que jeito de falar!

RANK - É horrível mesmo. Pior ainda vão ser os horrores que acontecerão antes. Só falta fazer um exame. Assim que o fizer saberei, pouco mais ou menos, quando começará a decomposição. Por isso preciso lhe dizer uma coisa. Helmer, com sua natureza delicada, tem uma profunda aversão, um... nojo, a tudo que é repugnante. Não quero que entre no meu quarto de doente.

NORA - Ah, mas... dr. Rank.

RANK - Não quero que venha, de maneira alguma. Eu fecharia a porta para ele. Logo que tiver certeza do pior, eu lhe mando meu cartão de visitas marcado com uma cruz negra... assim ficará sabendo que os horrores da decomposição começaram.

NORA - O senhor hoje está impossível! E eu queria tanto que estivesse de bom humor.

RANK - Agarrando a morte com as mãos? Para pagar a culpa de outro? É justo? E é mais ou menos assim em todas as famílias, esse castigo inevitável...

NORA - (*Tapando os ouvidos.*) Chega de disparates. Ânimo, ânimo!

RANK - Parece mesmo piada. A minha inocente medula é quem paga pela vida alegre que meu pai levou quando era tenente.

NORA - (*Ao lado da mesa, à esquerda.*) Ele exagerava no seu entusiasmo pelos aspargos e pelo *foie gras*, é isso?

RANK - É. E pelas trufas.

NORA - Ah, sim, as trufas. E também ostras, devia ser.

RANK - Sim, ostras, ostras, é claro.

NORA - E tudo regado a vinho do Porto e champanhe. É uma pena que todas essas coisas deliciosas afetem os ossos.

RANK - Principalmente quando são os ossos de um pobre esqueleto que nunca desfrutou delas.

NORA - Isso sim, é o pior de tudo.

RANK - (*Olha para ela, contemplativo.*) Hum...

NORA - (*Depois de uma pausa.*) Por que está rindo?

RANK - Não, foi a senhora quem riu.

NORA - Não, foi o senhor quem riu, dr. Rank.

RANK - (*Levanta-se.*) É mais palhaça do que eu imaginava.

NORA - É que hoje estou com vontade de fazer loucuras.

RANK - Estou vendo.

NORA - (*Com ambas as mãos sobre os ombros dele.*) Querid, querido dr. Rank, não pode morrer e abandonar a nós dois, Torvald e eu.

RANK - Ah, essa perda vocês vão superar facilmente. Quem parte é logo esquecido.

NORA - (*Olha para ele com medo.*) O senhor acha?

RANK - Criam-se novas relações e então...

NORA - Quem cria novas relações?

RANK - Tanto Nora quanto Helmer. Assim que eu tiver ido embora. A senhora mesma já começou, eu acho. O que fazia aqui ontem à noite essa senhora Linde?

NORA - Ah, não me diga agora que está com ciúmes da pobre Cristina!

RANK - Sim, estou. Ela vai ser minha substituta aqui nesta casa. Quando eu for embora, essa mulher...

NORA - Não fale tão alto. Ela está lá dentro.

RANK - Hoje também? Eu não disse?

RANK - Veio só costurar minha fantasia. Meu Deus, quanta insensatez!

(*Senta-se no sofá.*) Tenha mais juízo, dr. Rank. Amanhã vai ver como eu vou dançar bem! E pode pensar que estou dançando só para o senhor... e para Torvald também, é claro. (*Ela pega diferentes coisas da caixa.*) Doutor Rank, sente-se aqui que vou lhe mostrar uma coisa.

RANK - (*Senta-se.*) O que é?

NORA - Olhe aqui, olhe!

RANK - Meias de seda?

NORA - Cor da pele. Não são maravilhosas? Agora já está escuro, mas amanhã... Não, não, não, o senhor só pode ver a parte do pé. Está bem, pode dar uma olhadinha mais para cima... mais...

RANK - Hum...

NORA - Por que esse olhar tão crítico? Acha que não vão ficar bem em mim?

RANK - Não tenho nenhuma... base para dar uma opinião.

NORA - (*Olha para ele um momento.*) Não tem vergonha? (*Bate levemente na orelha dele com as meias.*) É o que merece. (*Embrulha as coisas.*)

RANK - E que outras maravilhas ainda vai me mostrar?

NORA - O senhor não vai ver mais nada, está muito atrevido. (*Ela cantarola um pouco, procurando entre as coisas.*)

RANK - (*Após breve silêncio.*) Quando estou aqui com... você, nessa... intimidade... não posso imaginar... não me entra na cabeça... o que seria de mim se nunca tivesse vindo a esta casa.

NORA - (*Sorrindo.*) Também acho que o senhor se sente à vontade aqui...

RANK - (*Falando mais baixinho, olhando para a frente.*) E ter que deixar tudo isso.

NORA - Bobagem, não vai deixar nada.

RANK - (*Como antes.*) E não deixar qualquer sinal de agradecimento... só uma lembrança passageira... Nada mais do que um lugar vazio que pode ser ocupado pelo primeiro que chegar.

NORA - E se eu lhe pedir um...? Não...

RANK - O que?

NORA - Uma grande prova da sua amizade.

RANK - Uma prova?

NORA - Não, quero dizer... um favor enorme.

RANK - Vai me dar essa grande alegria ao menos uma vez?

NORA - Ah, mas se nem sabe o que é?

RANK - Pois bem, diga.

NORA - Não, eu não posso, doutor Rank. É uma coisa grande demais... um conselho, uma ajuda e... um grande favor...

RANK - Quanto maior, melhor. Não consigo imaginar o que é. Por favor, diga logo. Não confia em mim?

NORA - Como em mais ninguém. O senhor é meu melhor amigo, eu sei. É por isso que vou lhe dizer tudo. Pois bem, doutor Rank, é uma coisa que o senhor pode me ajudar a evitar. O senhor sabe como Torvald me ama. Ama tanto, que não hesitaria em dar a vida por mim.

RANK - (*Inclinando-se para ela.*) Nora... acha que ele é o único?

NORA - (*Aproxima-se um pouco.*) Que?

RANK - O único que daria com prazer a vida por... você.

NORA - (*Triste.*) Entendo...

RANK - Prometi a mim mesmo fazer-lhe esta confissão antes da minha partida. E não podia achar uma ocasião melhor do que esta... Sim, Nora, agora já sabe. E agora também sabe que pode confiar em mim como em ninguém mais.

NORA - (*Levanta-se calmamente.*) Com licença.

RANK - (*Abre espaço para ela, mas continua sentado.*) Nora...

NORA - (*Vai para a estufa.*) Ah, querido doutor Rank. O que o senhor fez foi horrível.

RANK - (*Levanta-se.*) Amar você tão profundamente como mais ninguém no mundo? Isso é horrível?

NORA - Não. Mas me dizer, sim. Não havia nenhuma necessidade...

RANK - O que quer dizer? Que já sabia? (*Nora acende a lâmpada sobre a mesa.*) Nora... senhora Helmer... eu lhe pergunto se já sabia.

NORA - Ah, sei lá o que eu sabia ou não sabia. Não sei dizer. Como pode ser tão desastrado, dr. Rank! Agora que tudo ia tão bem.

RANK - Pelo menos agora tem certeza de que eu estou à sua disposição, de corpo e alma. E então, vai me dizer tudo?

NORA - (*Olhando para ele.*) Depois disso?

RANK - Eu lhe suplico. Quero saber o que...

NORA - Agora acabou... não pode saber mais nada.

RANK - Nora, Nora, não me castigue assim. Deixe eu fazer por você tudo o que um homem pode fazer.

NORA - Agora já não pode fazer mais nada por mim. Sabe? Talvez eu nem precise de ajuda, quem sabe eu tive... alucinações. Claro, foi isso mesmo.

Alucinações. (*Ela se senta na cadeira de balanço e olha para ele sorrindo.*) O senhor então é um cavalheiro muito educado, doutor Rank. Não se envergonha agora, com a lâmpada acesa?

RANK - Sinceramente, não. Mas acho que devo me retirar... Para sempre?

NORA - Não, de jeito nenhum. Deve continuar vindo, como sempre. Sabe que Torvald não pode passar sem o senhor.

RANK - Mas... e a senhora?

NORA - Ah, eu... sempre me alegro tanto quando o senhor vem.

RANK - Foi por isso que me enganei e... Nora, você é um enigma para mim. Muitas vezes eu tive a impressão de que gostava tanto de estar comigo como com Helmer.

NORA - É assim mesmo, há algumas pessoas de quem se gosta mais, e

algumas pessoas com quem gostamos de estar.

RANK - É... tam razão.

NORA - Lá em casa, dequem eu mais gostava era do papai. Mas eu adorava ir escondida ao quarto das criadas. Elas não ralhavam comigo e sempre conversavam sobre as coisas mais divertidas.

RANK - Ah, então eu ocupei o lugar das criadas?

NORA - (*Levanta-se de um salto e vai a ele.*) Meu querido dr. Rank, não quis dizer isso. Mas pode entender que Torvald é como papai... (*Ouve-se a campainha.*)

RANK - Alguma visita?

NORA - Não, não, nada. É só... meu vestido novo.

RANK - Mas seu vestido novo está aqui...

NORA - Ah, este sim... Mas eu... encomendei outro. Torvald não pode saber.

RANK - Ah, é esse então o grande segredo?

NORA - É, é esse... Vá lá conversar com ele. Lá, no escritório. Não deixe ele vir aqui.

RANK - Fique sossegada, ele não vai me escapar. (*Sai para o escritório de Helmer.*)

CENA IX

NORA - A tragédia está acontecendo. Assim tinha que ser. Não, não, não, não pode ser. Não deve acontecer. *(Ela vai para a porta de Helmer e puxa a trava. Pela porta da frente, entra o advogado Krogstad, vestido de peles, botas e chapéu de pele. Nora aproxima-se dele.)* Fale baixo, meu marido está em casa.

KROGSTAD - Tanto faz...

NORA - O que o senhor quer?

KROGSTAD - Ter a certeza de uma coisa.

NORA - Diga depressa, o que é?

KROGSTAD - Já deve saber que eu recebi minha carta de demissão.

NORA - Não pude impedir, senhor Krogstad. Lutei até onde pude mas não adiantou.

KROGSTAD - Seu marido ama tão pouco a senhora? Sabe o que pode acontecer e mesmo assim tem a coragem de...

NORA - Como ele vai saber?

KROGSTAD - É mesmo, não tinha pensado...Não é do feitio de Torvald Helmer ter tanta coragem.

NORA - Senhor Krogstad, eu exijo que respeite o meu marido.

KROGSTAD - Claro. Todo o respeito...devido. Vejo que a senhora faz tudo para esconder nosso...assunto particular do seu marido. Isso significa que está mais informada do que ontem da gravidade do ato que cometeu.

NORA - Mais informada do que poderia ser pelo senhor.

KROGSTAD - Claro, um péssimo advogado como eu.

NORA - O que quer mais?

KROGSTAD - Apenas saber como está passando, senhora Helmer. Andei pensando na senhora o dia todo. Até um...agiota, um usurário, um...enfim, um sujeito como eu, também tem um pouco daquilo que se chama sentimento, compreende?

NORA - Então mostre que tem. Pense nos meus filhos.

KROGSTAD - E a senhora e seu marido pensaram nos meus? Mas isso não interessa mais. Só queria lhe dizer uma coisa. Que não precisa levar este caso tão a sério. Por enquanto, não vou apresentar nenhuma denúncia..

NORA - Ah, não? Eu tinha certeza...

KROGSTAD - Podemos resolver tudo amigavelmente. Não é preciso tornar público todo esse assunto. Pode ficar só entre nós três.

NORA - Não quero que meu marido ouça uma palavra sobre isso.

KROGSTAD - Como a senhora vai impedir? Tem como pagar o restante da

dívida?

NORA - Não, nesse momento não.

KROGSTAD - Talvez tenha como conseguir o dinheiro por esses dias...

NORA - De um jeito que eu queira, não...

KROGSTAD - E de nada lhe serviria, aliás. Mesmo que tivesse todo o dinheiro do mundo, eu não devolveria a sua promissória.

NORA - Então, me explique: para que quer usá-la?

KROGSTAD - Só quero guardá-la, tê-la em meu poder como garantia, para me proteger. Ninguém vai saber. Assim, se está pensando em alguma solução desesperada...

NORA - Estou, sim...

KROGSTAD - Se está pensando em abandonar a casa e a família...

NORA - Eu penso nisso...

KROGSTAD - Ou se está pensando em alguma coisa ainda pior...

NORA - Como o senhor sabe?

KROGSTAD - Desista dessa idéia.

NORA - Como pode saber que eu...?

KROGSTAD - No começo todos nós pensamos em fazer isso. Eu também pensava. Mas não tive coragem.

NORA - *(Com uma voz sem expressão.)* Eu também não.

KROGSTAD - *(Aliviado)* Não é mesmo? A senhora também não tem coragem.

NORA - Não, não tenho, eu não tenho.

KROGSTAD - E seria uma grande estupidez. Assim que passar a primeira tempestade doméstica... Trago aqui uma carta para seu marido.

NORA - E está tudo escrito aí?

KROGSTAD - Atenuiei como pude.

NORA - *(Rapidamente)* Ele não pode ler esta carta. Rasgue-a. Vou conseguir o dinheiro.

KROGSTAD - Desculpe, senhora Helmer, mas eu acho que já lhe disse agora há pouco que...

NORA - Ah, não falo do dinheiro que lhe devo. Diga quanto quer do meu marido, que eu consigo esse dinheiro.

KROGSTAD - Eu não quero dinheiro nenhum do seu marido.

NORA - Quer o que, então?

KROGSTAD - Vou lhe dizer outra vez. Quero me reabilitar, senhora Helmer. Quero começar de novo, subir na vida...e seu marido tem de me ajudar. Já faz um ano e meio que não cometo nenhum erro, nada que possa ser chamado de desonesto. Esse tempo todo lutei sozinho, nas condições mais difíceis. Estava contente de subir de novo, passo a passo, trabalhando. E foi quando ele me

demitiu. Por isso, não basta só que me readmitam. Quero mais, já lhe disse que quero subir na vida. Quero, sim, voltar para o banco...mas numa posição melhor do que a de antes. Seu marido vai criar um cargo para mim.

NORA - Ele jamais vai fazer isso.

KROGSTAD - Ele vai fazer. Eu o conheço, ele não vai se atrever a negar. E uma vez que eu estiver lá dentro, a senhora vai ver. Em menos de um ano serei a mão direita do presidente. Será Nils Krogstad e não Torvald Helmer quem vai dirigir o Aktiebanken.

NORA - Isso nunca vai acontecer.

KROGSTAD - Então prefere que...

NORA - Agora tenho coragem.

KROGSTAD - Ah, não pense que me assusta. Uma mulher tão mimada como a senhora...

NORA - O senhor vai ver...vai ver.

KROGSTAD - Debaixo do gelo, talvez? No fundo, na água fria e escura? E na primavera o corpo volta à superfície, desfigurado, irreconhecível, a cabeça sem cabelo.

NORA - Não pense que me assusta.

KROGSTAD - Nem a senhora. Não se faz uma coisa dessas, senhora Helmer. E de que ia adiantar? Torvald ia continuar aqui...no meu bolso...

NORA - Mesmo depois? Quando eu já não...?

KROGSTAD - A senhora esqueceu que eu tenho sua memória nas minhas mãos? *(Nora olha para ele espantada)* Bem, está avisada. É melhor não fazer nenhuma tolice. Quando Helmer receber a minha carta, eu espero que me chame. E não esqueça que foi seu marido quem me obrigou a voltar ao velho caminho. Isso nunca vou lhe perdoar. Boa noite, minha senhora. *(Ele sai pela ante-sala.)*

NORA - *(Entreabre com precaução a porta da ante-sala para escutar.)* Já foi. Não vai deixar a carta. Ah, não, é impossível. *(Abre a porta cada vez mais.)* O que é que...? Está parado lá fora. Ainda está na escada. Será que está reconsiderando? Será que... *(Uma carta cai na caixa de correio. Escutam-se os passos de Krogstad descendo pela escada. Nora, com um grito abafado, corre pela sala em direção à mesa do sofá. Pára um momento.)* Na caixa do correio. *(Aproxima-se timidamente da porta da ante-sala.)* Está lá...Torvald, Torvald, não temos mais salvação!

Cena X

Linda-(Entrando com a fantasia,do quarto à esquerda)Não dá para fazer mais nada.

Vamos experimentar.

Nora-(Com a voz baixa e grave)Cristina,vem cá.

Linde-(Jogando a fantasia no sofá)O que é que você tem?Que olhar é esse?

Nora- Vem Ca.Está vendo áqüea carta?Ali... Olha,pela janelinha da caixa de correio...

Linda- Sim,sim ,estou vendo.

Nora- Aquela carta é de Krogstad.

Linde- Nora !...foi Krogstad quem emprestou o dinheiro?

Nora- Foi ,e agora Torvad vai saber tudo.

Linde- Ah ,Nora,acredite em mim, é melhor para vocês dói.

Nora- Você não sabe...Eu falsifiquei uma assinatura!

Linde- Meus Deus!O que é que você está dizendo?

Nora- Presta atenção ,Cristina, só quero He pedir uma coisa:você será minha testemunha.

Linde- Testemunha de que ?O que eu tenho que fazer?

Nora- Se eu enlouquecer...o que pode acontecer...

Linde- Nora!

Nora- Ou se alguma coisa me acontecer.Alguma coisa que me impeça de estar aqui...

Linde- Nora,Nora!Você está delirando.

Nora- E se aparecer alguém querendo assumir a culpa pelo o que eu fiz...você entende?

Linde- Entendo,mas como você pode achar que ...?

Nora- Então você será testemunha para dizer que não é verdade,Cristina.Não ,não,estou delirando.Estou no meu juízo perfeito e lhe digo:ninguém soube nada desse assunto.Eu fiz tudo sozinha.Lembre disso.

Linde- Está bem.Mas não estou entendendo...

Nora- E como você vai entender?Um prodígio vai acontecer!

Linde- Um prodígio?

Nora- Sim ,um prodígio.Mas é tão terrível,Cristina...Não ,não pode acontecer por nada desse mundo.

Linde- Eu vou agora mesmo falar com Krogstad.

Nora- Não vá.Ele é capaz de fazer qualquer maldade com você.

Linde- Houve um tempo em que ele era capaz de fazer qualquer coisa para o

meu bem.

Nora- Krogstad.

Linde- Onde ele mora?

Nora- Não sei. Ah, sim. (Mete a mão no bolso, pega alguma coisa.) O cartão de visita. Mas... a carta, a carta!

Helmer- (De dentro do escritório bate na porta) Nora.

Nora- (Dá um grito de medo) O que é ? O que você quer?

Helmer- Calma, cama. Não tenha medo, não vamos entrar, você trancou a porta. Está provando o vestido?

Nora- Estou, estou provando. Vou ficar inda Torvald.

Linde- (Lendo o cartão) Ee mora aqui perto , na esquina.

Nora- Do que adianta? Já não há salvação. A carta já está na caixa do correio.

Linde- A chave está com seu marido?

Nora- Está sempre.

Linde- Krogstad pode exigir a carta de vota, sem ser ida. Basta inventar um pretexto.

Nora- Mas essa é justamente a hora em que Torvald costuma.....

Linde- Tente distrai-lo enquanto eu vou até lá. Volto o mais rápido que puder. (Ea sai rapidamente pela porta da ante-sala.)

CENA XI

NORA – (*Vai para a porta de Helmer, abre e olha pra dentro.*) Torvald.

HELMER – (*Do escritório.*) Enfim... Vai me deixar entrar na sala da minha própria casa? Vem, Rank, agora você vai ver. (*Na porta.*) Mas o que é isso?

NORA – O que, meu amor?

HELMER – Rank me anunciou um magnífico desfile de fantasia.

RANK – (*Na porta.*) Eu tinha entendido assim, mas acho que me enganei.

NORA – Ninguém pode me ver fantasiada antes da hora.

HELMER – Nora, querida, que cara de cansada! Estava ensaiando a tagarela?

NORA – Não, ainda não.

HELMER – Ah, precisa ensaiar.

NORA – Preciso sim, Torvald. Mas eu não vou conseguir se você não me ajudar. Já esqueci tudo.

HELMER – Já já vou avivar essa memória.

NORA – Ah, por favor, cuda de mim Torvald. Promete? Estou com tanto medo! Uma festa tão... com tanta gente importante. Hoje à noite nada de trabalho, você tem que sacrificar tudo por mim. Nada de escrever, nem uma letra, não é meu amor?

HELMER – Prometo. Essa noite vai ser toda sua... minha criaturinha indefesa. Ah!... é verdade, primeiro tenho que ver uma coisa. (*Vai em direção à porta da ante-sala.*)

NORA – O que você vai ver?

HELMER – Quero só ver se chegou alguma carta.

NORA – Não, Torvald, não faça isso.

HELMER – O que aconteceu?

NORA – Torvald, eu estou pedindo. Não tem nenhuma carta.

HELMER – Deixe eu ver. (*Tentando ir. Nora está ao lado do piano tocando as primeiras notas da Tarantella.*) Ah!... (*Pára na porta.*)

HELMER – (*Aproximando-se dela.*) Você está com tanto medo assim, Nora, meu amor?

NORA – Um medo enorme. Quero ensaiar agora mesmo. Ainda temos tempo antes da hora do jantar. Sente aqui, Torvald, e toque pra mim. Quero que me corrija e me oriente, como você sempre faz.

HELMER – Com prazer... Já que você quer. (*Senta no piano.*)

NORA – (*Ela pega o pandeiro da caixa, junto com um xale colorido, com o qual se envolve. Dá um pulo no meio da sala e grita.*) Pronto! Pode tocar! Quero dançar! (*Helmer toca o Nora dança. O doutor Rank está atrás de*

Helmer no piano, assistindo.)

HELMER – *(Tocando.)* Mais devagar, mais devagar!

NORA – Não posso.

HELMER – Sem tanta agitação, Nora.

NORA – Eu preciso.

HELMER – *(Parando.)* Não, não, assim não.

NORA – *(Rindo e girando o pandeiro.)* eu não disse?

RANK – Agora quem vai tocar sou eu.

HELMER – *(Levantando-se.)* Venha, por favor. Assim eu posso ensinar melhor. *(Rank senta-se ao piano e toca. Nora dança cada vez mais selvagem. Helmer está ao lado da estufa, dirigindo-se a ela com frequência para corrigi-la durante a dança. Mas ela parece não perceber. O cabelo solta-se e cai sobre os ombros. Entra a senhora Linde.)*

LINDE – *(Pára surpresa na porta).* Ah!

NORA – Veja que divertido, Cristina!

HELMER – Nora, meu amor, você dança como se estivesse jogando nisso a sua vida.

NORA – E estou mesmo.

HELMER – Rank, pare. Isso é uma loucura. Pare, já disse. *(Rank pára de tocar o Nora pára imediatamente. Helmer vai para perto dela.)* Nunca podia imaginar. Você esqueceu tudo o que lhe ensinei.

NORA – *(Jogando o pandeiro.)* Está vendo?

HELMER – Só com muito ensaio!

NORA – Está vendo como eu preciso? Você tem que me ensaiar até o último momento. Promete, Torvald?

HELMER – Pode contar comigo.

NORA – Nem hoje nem amanhã você deve pensar em mais nada. Só em mim. Nada de abrir cartas... ver a caixa do correio...

HELMER – Aha, ainda tem medo desse homem!

NORA – Ai, sim, sim, isso também.

HELMER – Nora, eu estou vendo na sua cara: ali tem uma carta dele.

NORA – Pode ser, não sei. Mas você não vai ler nada disso agora. Nada feio deve nos separar até tudo isso acabar.

RANK – *(Falando baixo para Helmer.)* Você não deve contrariá-la.

HELMER – *(Abraçando Nora.)* Seja feita a vontade de minha menina. Mas amanhã a noite, depois que você tiver dançando...

NORA – você estará livre.

HELMER – Nada, nada absolutamente. Não é nada mais do que o medo infantil de que eu lhe falei. *(Saem pela porta à direita.)*

NORA – E então?

LINDE – Não estava em casa.

NORA – Adivinhei pela sua cara.

LINDE – Foi para o campo e só volta amanhã à noite. Deixei um bilhete.

NORA – Não devia ter feito isso. Não quero evitar mais nada. No fundo é uma alegria muito grande esperar que aconteça... o prodígio.

LINDE – Que prodígio você está esperando?

NORA – Ah, você não vai entender. (*Olha seu relógio.*) Cinco horas. Faltam sete horas até a meia-noite. E depois vinte quatro horas para a próxima meia-noite. Aí já vou ter acabado de dançar a tantarella. Vinte e quatro mais sete, trinta e uma horas para viver.

HELMER – (*Na porta da direita.*) Onde está minha cotoviazinha?

NORA – (*Vai para ele com os braços abertos.*) Aqui, aqui. (*Fim do segundo ato.*)

CENA XII

(Mesmo cenário. A mesa do sofá com as cadeiras em volta agora está no meio da sala. Uma lâmpada acesa na mesa. A porta da ante-sala aberta. Escuta-se música de dança vinda o andar de cima. A senhora Linde está na mesa folheando distraidamente um livro. Tenta ler, mas parece não conseguir se concentrar. Às vezes escuta tensa, em direção ao portão)

LINDE - *(Olhando o relógio)* Demora. O tempo está acabando... Espero que ele não...*(Escuta de novo)* Chegou. *(Ela vai para a ante-sala e abre com cuidado a porta da casa. Escutam-se passos na escada e ela fala em voz baixa)* Entre. Não, não tem ninguém.

KROGSTAD - *(Na porta)* Encontrei um bilhete seu em casa. O que significa isso?

LINDE - Precisamos conversar.

KROGSTAD - Ah, é? E precisa ser aqui nesta casa?

LINDE - Onde eu moro é impossível. Meu quarto não tem entrada independente. Entre. Estamos sozinhos. Os Helmer estão no baile aqui em cima.

KROGSTAD - *(Entrando na sala)* Ora, ora. Os Helmer estão dançando hoje à noite? De verdade?

LINDE - E por que não?

KROGSTAD - É mesmo...e porque não?

LINDE - Krogstad, vamos conversar.

KROGSTAD - E nós dois temos mais alguma coisa para conversar?

LINDE - Temos, sim. Muito.

KROGSTAD - Achava que não.

LINDE - Por que você nunca conseguiu me entender.

KROGSTAD - O que mais havia a entender? Além da coisa mais comum do mundo? Uma mulher que se livra de um homem quando aparece uma proposta melhor.

LINDE - Acha que sou tão insensível? E acha que rompi sem dor no coração?

KROGSTAD - Não foi?

LINDE - Krogstad, você acreditou de verdade...?

KROGSTAD - Se não foi isso, por que me escreveu uma carta como aquela?

LINDE - Não podia fazer outra coisa. Quando precise romper, achei que era meu dever tirar do seu coração tudo o que sentia por mim.

KROGSTAD - *(Aperta as mãos angustiado)* Então foi isso? E tudo...tudo só por causa do dinheiro?

LINDE- Não pode esquecer que tinha uma mãe inválida e dois irmãos pequenos. Não podíamos lhe esperar, Krogstad. Suas possibilidades de melhorar de vida eram ainda remotas...

KROGSTAD- Pode ser... Mas mesmo assim você não tinha o direito de me rejeitar por causa de outro homem.

LINDE - Não...não sei. Muitas vezes eu me perguntei se tinha esse direito.

KROGSTAD - *(Com voz mais baixa)* Quando eu lhe perdi, foi como se tirasse o chão debaixo dos meus pés. Olha para mim agora. Sou um náufrago agarrado aos destroços.

LINDE - Sua salvação pode estar perto.

KROGSTAD - Estava perto. Mas aí você chegou e se colocou entre eu e ela.

LINDE - Eu não sabia, Krogstad. Só hoje eu soube que era a você que eu ia substituir no banco.

KROGSTAD - Acredito, se você está dizendo. Mas agora que sabe não vai renunciar?

LINDE - Não, porque não ia adiantar nada para você.

KROGSTAD- Adiantando ou não... No seu lugar eu renunciaria de qualquer jeito.

LINDE - Aprendi a agir de maneira sensata. A via e a dura necessidade me ensinaram.

KROGSTAD - E a vida me ensinou a não acreditar em frases de efeito.

LINDE - Então a vida lhe ensinou uma coisa muito sensata. Mas nos atos? Acredita?

KROGSTAD - O que quer dizer com isso?

LINDE - Você disse que estava como um náufrago agarrado aos destroços.

KROGSTAD - Tenho bons motivos para dizer isso.

LINDE - Eu também sou uma naufraga agarrada aos destroços do barco. Sem sentir falta de ninguém e sem ter ninguém que sinta a minha falta.

KROGSTAD - A decisão foi sua.

LINDE - Eu não tinha outra escolha.

KROGSTAD - Então...agora o que?

LINDE - Krogstad, e se nós dois, os náufragos, pudéssemos juntar nossas forças?

KROGSTAD - O que está dizendo?

LINDE - Dois náufragos juntos tem mais chances de se salvar do que cada um por si.

KROGSTAD - Cristina.

LINDE - Por que acha que eu voltei para a cidade?

KROGSTAD - Por minha causa, talvez?

LINDE - Preciso trabalhar para sobreviver. Desde que eu me entendo, tenho

trabalhado todos os dias da minha vida. E tem sido a minha melhor, a minha única alegria. Mas agora estou sozinha no mundo. Sinto um vazio, um abandono terríveis... Trabalhar só para si mesmo não tem nenhuma alegria. Krogstad, me deixe ter porque, e por quem, trabalhar.

KROGSTAD - Quer mesmo fazer isso? Conhece bem o meu passado?

LINDE - Sim.

KROGSTAD - E sabem o que dizem de mim, qual é a minha reputação aqui?

LINDE - Se entendi bem, agora há pouco você disse que comigo podia ter sido outro.

KROGSTAD - Disso eu tenho certeza.

LINDE - E ainda não está em tempo?

KROGSTAD - Cristina! Você pensou bem no que está dizendo? É...estou vendo nos seus olhos que sim...Então, tem mesmo coragem?

LINDE - Eu preciso ser mãe. E seus filhos precisam de uma mãe. Nós dois precisamos um do outro. Krogstad, eu tenho confiança no seu caráter. Com você, posso enfrentar tudo.

KROGSTAD - (*Segurando as mãos dela*) Obrigado, obrigado, Cristina. Agora, eu também vou saber me levantar...Ah, esqueci!

LINDE - (*Escutando*) Psssiu. A tarantela...Vá embora, vá.

KROGSTAD - O que foi?

LINDE - Está ouvindo essa música lá em cima? Quando acabar eles podem voltar.

KROGSTAD - Ah, sim, vou embora. Afinal, nada disso adianta, tudo em vão...É claro, você não conhece o passo que eu dei contra os Helmer.

LINDE - Não, Krogstad, eu sei de tudo.

KROGSTAD - E mesmo assim tem coragem de...

LINDE - Eu sei muito bem até onde o desespero pode levar um homem.

KROGSTAD - Ah, se eu pudesse desfazer o que está feito!

LINDE - Poder, pode. Porque sua carta ainda está na caixa de correio.

KROGSTAD - Tem certeza?

LINDE - Certeza absoluta. Mas...

KROGSTAD - (*Olha para ela de maneira perscrutadora*) - Então essa é a razão porque...? Quer salvar sua amiga a qualquer preço? Pode falar francamente. É por isso?

LINDE - Krogstad, quem já se vendeu uma vez para salvar outra pessoa, não faz isso de novo.

KROGSTAD - Vou pedir minha carta de volta.

LINDE - Não, não!

KROGSTAD - Por que não? Espero aqui até Helmer descer e lhe peço para devolver minha carta. Digo que trata apenas da minha demissão...e que ele não

precisa ler.

LINDE - Não, Krogstad. Não peça a carta de volta.

KROGSTAD - Mas não foi para isso que marcou nosso encontro aqui? Pode dizer.

LINDE - Sim, no susto do primeiro momento. Mas já se passou um dia e nesse tempo vi coisas inacreditáveis acontecerem nesta casa. Helmer precisa saber de tudo. Esse segredo lamentável precisa vir à luz do dia. É preciso que tudo seja esclarecido entre eles dois. Não podem continuar vivendo com essas dissimulações...esses subterfúgios...

KROGSTAD - Bem... Se tem coragem de assumir...Mas posso fazer uma coisa. E vou fazer agora mesmo.

L - *(Escutando)* Depressa. Vá. Vá embora.Acabou a dança.Não estamos mais seguros aqui.

KROGSTAD - Eu lhe espero lá embaixo.

L - Sim, faça isso. Pode me acompanhar até à porta de casa.

KROGSTAD - Nunca me senti tão feliz. *Ele sai pela porta exterior, mas a porta da ante-sala continua aberta)*

LINDE - *(Arrumando as coisas e preparando seu casaco e chapéu)* Que reviravolta! Alguém a quem me dedicar, para quem viver. Um lar para onde levar um pouco de calor. Tanta coisa por fazer...Tomara que desçam logo. *(Escutando)* Ah, aí estão. Vou vestir o abrigo. *(Apanha o casaco e o chapéu)*

CENA XIII

(Escutam-se as vozes de Helmer e Nora lá fora, depois o barulho da chave e Helmer traz Nora quase com força para a ante-sala. Ela está vestida com fantasia italiana, coberta por um grande xale e ele de terno, com uma capa preta sobre os ombros.)

NORA – *(Ainda na porta, resistindo.)* Na, não, não, não quero entrar. Eu vou voltar. Não queria sair tão cedo.

HELMER – Mas, Nora, meu amor...

NORA – Ah, eu suplico, Torvald. Só mais uma hora.

HELMER – Nem mais um minuto, Nora, querida. Lembra do que ficou combinado. Então? Vamos entrar. Aqui você vai se resfriar. *(Apesar da resistência dela, ele a leva para a sala.)*

LINDE – Boa noite.

NORA – Cristina!

HELMER – Senhora Linde? A senhora? Tão tarde?

LINDE – Mil desculpas. Eu queria tanto ver Nora fantasiada.

NORA – Ficou aqui me esperando?

LINDE – Fiquei... infelizmente não cheguei a tempo. Já tinham subido e eu não queria ir embora sem vê-la.

HELMER – *(Tirando o xale de Nora.)* Pois então... olhe bem pra ela. Acho que vale a pena. Não está maravilhosa, senhora Linde?

LINDE – Está sim, muito bonita.

HELMER – Ela é muito, muito, muito bonita, não é? Também era a opinião de todo o mundo na festa. Mas ela é muito, muito, muito teimosa... essa criaturinha delicada. O que é que se pode fazer? A senhora acredita que quase precisei tirá-la de lá à força?

NORA – Ah, Torvald, você vai se arrepender de não ter me dado só mais meia hora...

HELMER – A senhora está ouvindo? Ela dança sua tarantela, faz um sucesso tremendo... está bem, merecido, se bem que sua interpretação talvez fosse espontânea demais, quero dizer, um pouco mais do que as exigências da arte permitem. Mas tudo bem, o mais importante é que... ela fez sucesso. Um sucesso tremendo. Eu ia deixar que ela ficasse depois disso? Diminuir o efeito? Não, obrigado. Eu peguei minha maravilhosa garota de Capri... a caprichosa garota de Capri, eu podia dizer... dei o braço a ela, demos uma volta na sala, cumprimentamos todo mundo e e... como se diz nos romances... a miragem desapareceu. Um grande efeito no final sempre é bom, senhora

Linde. Mas eu não consigo que Nora entenda. Ufa, está quente aqui. (*ele joga a capa sobre uma cadeira e abre a porta para o escritório.*) O que? Estamos no escuro? Ah, sim, naturalmente. Desculpe... (*Entra e ascende as luzes.*)

NORA – (*Sussurrando rápido e sem fôlego.*) E então?

LINDE – (*Em voz baixa.*) Falei com ele.

NORA – E?

LINDE – Nora, você deve dizer tudo ao seu marido.

NORA – (*Com voz inexpressiva.*) Eu sabia.

LINDE – Você não tem mais nada a temer da parte de Krogstad. Mas você precisa falar.

NORA – Não vou falar.

LINDE – Então a carta vai falar por você.

HELMER – (*Entrando de novo.*) Então, senhora Linde, olhou bem pra ela?

LINDE – Muito... Boa noite.

HELMER – Já? Este tricô é seu?

LINDE – Ah, sim, obrigada, quase esqueci.

HELMER – A senhora faz tricô, então?

LINDE – Faço.

HELMER – Sabia que é melhor bordar do que tricotar?

LINDE – É? Por que?

HELMER – Por que é muito mais bonito. Veja bem. Pega-se o borado assim, com a mão esquerda, e leva-se com a mão direita a agulha... assim... para fora, numa curva leve e longa, não é mesmo?

LINDE – É, pode ser.

HELMER – Enquanto o tricô... não se pode evitar que seja deselegante. Olhe só, braços presos no corpo, as agulhas para cima e para baixo, parece uma coisa chines. Ah, que champanhe magnífica.

LINDE – Boa noite, Nora. E chega de teimosia.

HELMER – Muito bem dito, senhora Linde.

LINDE – Boa noite, senhor diretor.

HELMER – (*Levando-a à porta.*) Boa noite, boa noite. Espero que chegue bem em casa. Eu bem que gostaria de... mas não é tão longe que... boa noite, boa noite. (*Ela sai e ele fecha e volta para a sala.*) Muito bem. Finalmente nos livramos dela. Como é chata essa mulher.

NORA – Você está muito cansado, Torvald.

HELMER – não, nem um pouco.

NORA – Também não está com sono?

HELMER – Nenhum. Pelo contrário, me sinto animadíssimo. E você? Você, sim, parece cansada e com sono.

NORA – Sim, estou muito cansada, quero dormir logo.

HELMER – Está vendo, está vendo? Eu tinha razão de não querer ficar mais tempo.

NORA – Ah, você sempre tem razão em tudo.

HELMER – (*Beijando-a na testa.*) Agora a cotovia começa a falar como gente. Você viu como Rank estava alegre hoje?

NORA – Ah, é? Estava? Nem conversei com ele.

HELMER – u também quase não falei nada com ele, mas há muito tempo não vejo Rank de tão bom humor. (*Olha um tempo para ela e se aproxima.*) Hum, que prazer chegar em casa e ficar sozinho com voce... Ah, que linda você é, minha menina querida.

NORA – Não me olhe assim, Torvald.

HELMER – Não posso olhar para o bem mais valioso possuo? Essa maravilha que é minha? Só minha, minha, toda minha...

NORA – (*Indo para o outro lado da mesa.*) Não fale assim comigo esta noite.

HELMER – (*Seguindo-a.*) A tarantela ainda está no seu sangue, eu estou sentindo. E isso deixa você ainda mais sedutora. Está ouvindo? Os convidados estão indo embora. (*Em voz baixa.*) Nora... já já a casa toda vai ficar em silêncio.

NORA – Assim eu espero.

HELMER – Não é mesmo, minha adorada Nora? Quando vamos assim a uma festa... sabe porque eu falo tão pouco com você? Por que fico à distância e apenas dou uma olhada para você de vez em quando? sabe porque eu faço isso? É porque eu faço de conta que você é a minha amante secreta, minha namorada linda, e que ninguém suspeita de nada entre nós dois.

NORA – Eu sei, eu sei que todos os seus pensamentos são pra mim.

HELMER – E então, quando saímos e eu coloco o xale sobre seus ombros delicados e jovens, sobre essa curva maravilhosa da sua nuca, então imagino que você é minha noiva e que estamos chegando da festa do casamento e que eu pela primeira vez estou lhe levando para minha casa... e que pela primeira vez estou sozinho com você... sozinho com você, e seu corpo lindo e jovem palpita. A noite toda não tive outro desejo. Quando lhe via, insinuante e sedutora dançando tarantela... meu sangue fervia e eu não agüentava mais. Foi por isso que eu lhe trouxe aqui para baixo tão cedo.

NORA – Vai embora, Torvald. Me deixe em paz. Eu não quero...

HELMER – O que você quer dizer? Resolveu ser

CENA XIV

HELMER – (*Com voz baixa.*) Ele bebeu demais.

NORA – (*Distraída.*) Talvez. (*Helmer pega seu molho de chave e vai para a ante-sala.*) Torvald, onde você está indo?

HELMER – Preciso esvaziar a caixa de correio. Está cheia. Não tem lugar para os jornais amanhã cedo.

NORA – Ainda quer trabalhar esta noite?

HELMER – Você sabe muito bem que eu não quero. O que é isso? Alguém mexeu na fechadura.

NORA – Na fechadura?

HELMER – Tenho certeza. Quem pode ter sido? Não posso imaginar que as criadas... Um grampo quebrado. É seu, Nora.

NORA – (*Rapidamente.*) Devem ter sido as crianças.

HELMER- Você precisa brigar com elas para não azerem isso. Hum... assim, consegui! Pronto, deu para tirar tudo... (*Ele pega o conteúdo e volta para a sala fechando a porta da ante-sala.*) Olhe aqui tudo que juntou! (*Folheia as cartas.*) O que é isso?

NORA- (*Que está ao lado da janela.*) A carta. Ah, não, não Torvald!

HELMER – Dois cartões de visita. Do Rank...

NORA – Do dr. Rank?

HELMER – (*Olhando os cartões.*) Rank, doutor *medicinae*. Estava em cima de tudo. Ele deve ter metido aí quando saiu.

NORA- Tem alguma coisa escrita?

HELMER – Tem uma cruz negra em cima do nome. Olhe aqui. Que idéia tétrica. É como se anunciasse a sua própria morte.

NORA- É o que está fazendo.

HELMER – O que? Você sabe alguma coisa? Ele lhe falou alguma coisa?

NORA – Sim. Os cartões são a despedida. Vai se encerrar e morrer.

HELMER – Meu pobre amigo. Eu já sabia que não podia tê-lo por muito tempo. Mas tão cedo... Então, vai se esconder como um animal ferido...

NORA- Já que vai acontecer, é melhor que seja...sem palavras. Não é, Torvald?

HELMER – (*Andando de um lado para o outro.*) Era como se fosse da família. Não consigo me imaginar sem ele. Com as suas dores, sua solidão, ele era uma espécie de fundo sombrio para nossa felicidade ensolarada. Enfim...talvez seja melhor assim. Pelo menos para ele. (*Pára.*) E talvez para nós também, Nora. Agora vamos estar nas mãos um do outro. Sozinhos.

(*Abraça-a.*) Ah, minha menina querida. Parece que nunca vou conseguir lhe abraçar com toda a força que eu quero. Sabe, Nora, muitas vezes quis que um perigo iminente ameaçasse você para que eu pudesse arriscar minha vida e meu sangue e tudo, tudo, por sua causa.

NORA- (*Solta-se e diz firme e decidida.*) Agora leia suas cartas, Torvald.

HELMER – Não, não. Esta noite não. Eu quero ficar com você, minha menina querida.

NORA – Com o pensamento na morte do seu amigo?

HELMER – Você tem razão. Agora uma sombra escura veio se colocar entre nós dois: a idéia da morte e da dissolução. Vamos ter que nos livrar dela. Até lá... cada um deve ir para seu lado.

NORA- (*Abraçando o pescoço dele.*) Boa noite, Torvald, boa noite.

HELMER – (*Beijando-a na testa.*) Boa noite, minha querida cotovia. Durma bem. Vou ler as cartas. (*Ele vai com o pacote para o escritório fechando a porta.*)

NORA – (*Pega como às cegas a capa de Helmer, se envolve nela e sussurra rápido mas de maneira interrompida.*) Nunca mais vou ver você, nunca mais, nunca mais. Ah, a água escura e gelada. Ah, a água profunda...ai...Queria que tudo já tivesse terminado. Agora ele encontrou... agora está lendo. Ah, não, não, ainda não. Torvald, adeus... adeus, meus filhos...(*Quer sair, mas no mesmo momento Helmer aparece com uma carta na mão.*)

HELMER – Nora!

NORA – (*Com um grito.*) Oh!

HELMER – O que é isso? Você sabe o que está escrito nessa carta?

NORA- Eu sei, sim, sei. Deixe eu ir embora... sair daqui.

HELMER –(*Segurando-a.*) Onde você vai?

NORA – (*Tentando se soltar.*) Você não deve me salvar, Torvald.

HELMER – (*Recua com um movimento forte.*) É verdade? É verdade o que ele escreve? É terrível... não é impossível! Não pode ser verdade.

NORA – É verdade. Eu te amei acima de tudo no mundo.

HELMER – Ah, não me venha com desculpas ridículas.

NORA – (*Aproximando-se um passo.*) Torvald!

HELMER- Infeliz,o que foi que você fez?

NORA – Me deixe ir embora. Você não tem que pagar por minha culpa, não tem que assumir a responsabilidade...

HELMER – Chega de drama. (*Tranca a porta da ante-sala.*) Fique aqui e acerte as contas comigo. Você sabe o que fez? Responda. Você sabe?

NORA- (*Olhando para ele, fixamente, com uma expressão rígida.*) Sei... agora começo a entender profundamente.

HELMER – (*Caminhando pela sala.*) Oito anos, durante oito anos... a mulher

que era minha felicidade e meu orgulho... uma hipócrita, uma mentirosa... pior, pior...uma criminosa! Ah, que abismo monstruoso! Que vergonha! (*Nora continua em silêncio, olhando-o fixamente. Helmer pára diante dela.*) Eu devia ter percebido que uma coisa dessas iria acontecer, eu devia... Com a falta de escrúpulos do seu pai...!Não quero ouvir! Você herdou a falta de escrúpulos, de princípios, do seu pai. Nenhuma religião, nenhuma moral, nenhum sentimento de dever... ah, como estou sendo castigado por ter sido indulgente/com ele. Eu fiz isso por sua causa e é assim que você me paga.

NORA – Assim...

HELMER – Você arruinou minha felicidade. Destruíu o meu futuro. É horrível pensar nisso: eu estou nas mãos de um homem sem caráter. Ele pode fazer comigo o que quiser, exigir de mim qualquer coisa, pedir, mandar... quando tiver vontade... Não posso me atrever a dizer nada... Estou condenado a afundar nessa miséria, ser reduzido a nada, pela leviandade de uma mulher.

NORA- Quando eu deixar este mundo, você será livre.

HELMER – Não me venha com frases de efeito. O seu pai também tinha um grande repertório. De que adiantaria que você me abandonasse, que você saísse desse mundo como está dizendo? De nada. Esse homem pode trazer o caso à público do mesmo jeito. E se ele fizer isso, eu serei suspeito de ter sido cúmplice do seu ato criminoso. Podem até acreditar que eu estava por trás de tudo e que fui eu quem lhe incentivou. E tudo isso eu devo a você, você que eu carreguei nos meus braços o tempo todo do nosso casamento. Você entende agora o que fez contra mim?

NORA- (*Com calma fria.*) Sim.

HELMER – É tudo tão inacreditável que não cabe na minha cabeça. Mas temos que encontrar uma solução. Tire esse xale, tire, estou mandando. Eu tenho de satisfazer esse homem de algum jeito. O caso tem que ser abafado a qualquer preço. E quanto a você e a mim, tem que parecer como se tudo entre nós continuasse igual a antes. Mas só diante dos olhos do mundo, é claro. Você continua aqui em casa, lógico, mas não terá o direito de educar as crianças. Não me atrevo a confiá-las a você... A partir de hoje, não se trata mais da felicidade, trata-se de salvar os restos, os destroços... a aparência.(*A campainha toca. Helmer estremece.*) O que será? A esta hora! Será que o pior ainda...? Será ele? Esconda-se, Nora, vou dizer que você está doente. (*Nora continua imóvel. Helmer abre a porta da ante-sala. Volta com um envelope na mão.*) Outra carta dele. Colocou na caixa do correio, tocou e oi embora. Não vou lhe dar, eu mesmo vou ler.

NORA- Leia.

HELMER – (*Perto da lâmpada.*) Quase não tenho coragem. Pode ser nossa perdição, a minha e a sua. Não, eu tenho que saber. (*Abre a carta rápido,*

lendo algumas linhas, olha um papel enfiado dentro da carta e solta um grito de alegria.) Nora! *(Nora olha para ele de maneira interrogativa.)* Nora... não, eu preciso ler outra vez. Sim, sim, então é isso. Estou salvo. Nora, estou salvo! NORA- E eu?

HELMER – Você também, claro. Estamos salvos, nós dois. Tanto você quanto eu. Olhe aqui. Ele está devolvendo promissória. Diz que se arrepende e lamenta... diz que uma mudança feliz na sua vida...ah, não importa o que ele diz, estamos salvos, Nora. Ninguém pode fazer nada com você. Ah, Nora, Nora... Não, primeiro vamos fazer desaparecer do mundo essa coisa terrível. Deixe ver. *(Ele olha um momento a promissória.)* Não, eu não quero ver, faz de conta que foi só um pesadelo. *(Ele rasga a promissória e ambas as cartas. Joga tudo na estufa e olha enquanto queima.)* Veja. Não existe mais. Ele dizia que você, desde a véspera de Natal... Ah, que dias horríveis você deve ter passado, Nora.

NORA- Três dias de uma luta terrível.

HELMER – E devia estar desesperada. Sem enxergar outra saída que... não, não vamos lembrar dessa aflição. Gritar de alegria: acabou, acabou! Mas, Nora, meu amor... Parece que você ainda não entendeu que acabou. Que cara é essa? Porque tão tensa? Ah, Nora, pobrezinha. Eu entendo. Você não acredita que eu lhe perdoei. Mas eu lhe perdoei. Nora, eu juro que lhe perdoei tudo. Eu sei que o que você fez, fez por amor a mim.

NORA- Por amor.

HELMER – Você me amou como uma mulher deve amar o marido. Só lhe faltou ter os conhecimentos necessários para poder julgar os meios que... Mas você acha que eu lhe quero menos só porque você não sabe agir por conta própria? Não, não. Pode se apoiar em mim. Eu lhe aconselho, lhe oriento. Não seria um homem se esse desamparo feminino não fosse justamente o que lhe fizesse duplamente atraente aos meus olhos. Esqueça as palavras duras que eu disse no susto do primeiro momento, quando achava que tudo ia desabar sobre mim. Eu lhe perdoei, Nora. Eu juro que lhe perdoei.

NORA- Agradeço o seu perdão. *(Ela sai pela porta à direita.)*

HELMER – Não, fique aqui. *(Olha para dentro.)* O que você quer no quarto?

NORA *(De dentro.)* Tirar a fantasia.

HELMER – *(Na porta aberta.)* Claro, faça isso. Tente se acalmar, se recompor, meu passarinho assustado. Descanse tranqüila, que eu tenho asas grandes para lhe proteger.

CENA XV

(*Torvald dá umas voltas perto da porta.*) Ah, como nossa casa é bonita, quente... Aqui você está abrigada. E eu vou cuidar de você como uma pomba que eu salvei das garras do falcão. Vou acalmar seu pobre coração palpitante. Pouco a pouco vai passar, Nora, acredite em mim. Amanhã você vai ver tudo isso com outros olhos. Logo tudo vai ser como antes. Não vou mais precisar repetir que eu lhe perdoei. Você mesma vai sentir. Como você pode pensar que me passe pela cabeça rejeitar você ou mesmo lhe censurar? Ah, você não conhece os verdadeiros sentimentos de um homem, Nora. Nada é tão doce e prazeroso para o homem quanto saber que lá dentro dele perdoou sua esposa...e que perdoou de todo coração, sinceramente. Porque aí ela se torna sua propriedade duplamente. É como se ele a trouxesse ao mundo de novo, e de alguma maneira ela passa a ser tanto sua mulher como sua filha. Assim será você de agora em diante para mim, minha criaturinha indefesa e perdida. Não tenha medo de nada, Nora. Seja apenas franca comigo e eu serei sua vontade e sua consciência... O que é isso? Não vai dormir? Você trocou de roupa?

NORA- (*Vestida em sua roupa normal.*) É, Torvald, troquei de roupa.

HELMER – Mas, Nora, querida...

NORA- (*Olhando seu relógio.*) Não é tão tarde. Sente aqui, Torvald. Nós dois precisamos muito conversar. (*Ela se senta de um lado da mesa.*)

HELMER – Nora, o que é isso? Essa expressão dura?

NORA – Sente-se, vai demorar. Tenho muitas coisas a lhe dizer.

HELMER – (*Senta-se à mesa diante dela.*) Você me assusta, Nora. Eu não lhe entendo.

NORA – É isso mesmo. Você não me entende. E eu também nunca lhe entendi, até hoje à noite. Não, não me interrompa, apenas escute o que vou dizer. Isso é um acerto de contas Torvald.

HELMER – O que você quer dizer com isso?

NORA- (*Após um breve silêncio.*) Estamos sentados frente a frente. Isso não chama sua atenção?

HELMER – Por que chamaria?

HELMER – Estamos casados há oito anos. Não se dá conta que é a primeira vez que nós dois, você e eu, marido e mulher, conversamos seriamente?

HELMER – Seriamente...O que quer dizer?

NORA- Em todos esses oito anos... sim, até mais...desde o nosso primeiro encontro, nunca trocamos uma palavra séria sobre coisas sérias.

HELMER – Você acha que eu deveria envolver você nas minhas preocupações, e ainda mais sabendo que você não podia fazer nada?

NORA – Eu não falo das suas preocupações. O que eu digo é que nunca falamos a sério, procurando chegar juntos ao fundo das coisas.

HELMER – Mas, Nora, meu amor, que importância isso teria pra você?

NORA- É essa a questão. Você nunca me entendeu. Fui tratada tiranicamente/, Torvald. Primeiro por papai, e depois por você.

HELMER – Por nós dois...? Os dois que lhe amaram mais do que ninguém no mundo?

NORA – (*Ela nega com a cabeça.*) Vocês nunca me amaram, apenas achavam divertido namorar comigo.

HELMER – Nora, o que você está dizendo?

NORA- A pura verdade, Torvald. Quando eu estava na casa de papai, ele me dizia todas as suas opiniões e então essas eram as minhas opiniões. E se tivesse outras eu escondia, porque ele não ia gostar. Ele me chamava de sua criança boneca e brincava comigo, como eu brincava com as minhas bonecas. Depois vim morar na sua casa...

HELMER – Que palavras você usa para falar do nosso casamento!

NORA – (*Imperturbável.*) Quero dizer que passei das mãos do papai para as suas. Você arrumou tudo segundo seu gosto e eu passei a ter o mesmo gosto que o seu, ou fingi que tinha, não sei bem... Acho que era um pouco as duas coisas, ora uma, ora outra. Quando eu olho agora, me parece que vivi aqui como vive um pobre...que, de seu, mal tem a roupa do corpo. Eu vivi das gracinhas que fazia para você, Torvald. Era o que você queria. Você e papai cometeram um grande pecado contra mim. É de vocês a culpa de que eu nunca tenha sido alguém.

HELMER – Nora, como você é injusta e ingrata! Não foi feliz aqui?

NORA - Não, nunca fui. Eu achava que era, mas nunca fui.

HELMER – Não foi? Não foi feliz? Nunca?

NORA – Não, eu era alegre, só isso. E você sempre foi muito gentil comigo. Mas nosso...lar nunca foi mais do que um quarto de brinquedos. Aqui fui sua esposa boneca, assim como era a criança boneca na casa do papai. E nossos filhos também foram minhas bonecas. Eu achava divertido quando você brincava comigo, assim como eles achavam divertido quando eu brincava com eles. Esse é o nosso casamento, Torvald.

HELMER – Não deixa de ter alguma verdade no que você diz, apesar dos exageros. Mas daqui por diante tudo vai mudar. Acabou-se o tempo da brincadeira, agora vem o tempo da educação.

NORA- Educação de quem? A minha ou das crianças?

HELMER – Tanto a sua quanto a das crianças, Nora, querida.

NORA – Ah, Torvald, você não é o homem indicado para me ensinar a ser uma esposa verdadeira.

HELMER – E é você quem diz isso?

NORA- E eu, como ia educar meus filhos sem estar preparada?

HELMER – Nora!

NORA- Você não me disse isso ainda há pouco? Que não se atrevia a me confiar essa tarefa?

HELMER – Disse isso num momento de exaltação, não leve à sério.

NORA- Mas você tinha toda a razão. Eu não sou capaz dessa tarefa. Há uma outra tarefa que precisa ser cumprida antes. Tenho que educar a mim mesma. E você não é o homem indicado para me ajudar. Tenho que fazer isso sozinha. E por isso... eu vou lhe deixar.

HELMER – (*Levanta-se num salto.*) O que foi que você disse?

NORA – Preciso estar só para poder me conhecer e conhecer tudo que me rodeia. Por isso não posso mais continuar com você.

HELMER – Nora! Nora!

NORA – Quero sair daqui agora. Posso passar esta noite na casa de Cristina.

HELMER – Você está louca! Não vou deixar, eu lhe proíbo.

NORA – De agora em diante você não pode me proibir nada. Levo o que é meu. Não quero nada seu, nem agora, nem depois.

HELMER – Que loucura é essa?

NORA- Amanhã viajo para minha casa... Quero dizer, para o lugar de onde vim. Lá será mais fácil para mim achar algum trabalho.

HELMER – Cega! Cega e inexperiente.

NORA – Quero ganhar experiência, Torvald.

HELMER – Abandonando seu lar, seu marido e seus filhos. Não pensa no que as pessoas vão dizer?

NORA – Não quero me importar com isso. Só quero saber do que é importante para mim.

HELMER – Ah, é revoltante. Como pode trair seus deveres mais sagrados?

NORA – Quais são os meus deveres mais sagrados?

HELMER – E sou eu quem precisa lhe dizer? Não serão os seus deveres para com o seu marido e seus filhos?

NORA- Eu tenho outros deveres tão sagrados como esse.

HELMER – Não, não tem. Que deveres?

NORA – Os deveres para comigo mesma.

HELMER – Você é, em primeiro lugar, esposa e mãe.

NORA – Já não acredito nisso. Em primeiro lugar eu sou um ser humano, assim como você... Ou pelo menos vou fazer um esforço para ser. Sei que a maioria lhe dará razão, Torvald. E sei que essas coisas estão escritas nos

livros. Mas eu não posso mais me satisfazer com o que a maioria diz e com o que está escrito nos livros. Eu preciso pensar por mim mesma sobre as coisas e tentar compreendê-las.

HELMER – Você não pode descobrir quem é no seu próprio lar? Você já não tem um guia infalível nessas questões? Você não tem a religião?

NORA – Ah, Torvald, eu já nem sei bem o que é a religião.

HELMER – Como não sabe?

NORA – Só sei aquilo que o pastor Hansen me ensinou quando me preparei para a crisma. Ele dizia que a religião “é isso”, a religião “é aquilo”. Quando estiver longe de tudo e estiver só, quero pensar sobre esse assunto também. Quero saber se o que o Pastor Hansen disse é verdade ou, pelo menos se é verdade para mim.

HELMER – Ah, é inacreditável, uma mulher tão jovem como você... Mas se a religião não serve para lhe orientar, deixe-me pelo menos sacudir sua consciência... Pelo menos algum senso moral você tem? Ou não? Diga, também não tem?

NORA – Talvez seja melhor nem responder, Torvald. Nem saberia. Estou totalmente confusa com essas coisas. Só sei que tenho uma opinião sobre isso completamente diferente da sua. Também fiquei sabendo agora que as leis são diferentes do que eu pensava. E que essas leis sejam justas, não entra na minha cabeça de jeito nenhum. Uma mulher não tem o direito de poupar seu velho pai morrendo, nem de salvar a vida do seu marido? Não posso acreditar.

HELMER – Parece uma criança falando. Você não entende a sociedade em que vive.

NORA – Não, eu não entendo. Mas agora quero procurar entender. Preciso saber quem tem razão: a sociedade ou eu.

HELMER – Você está doente, Nora. Você está com febre. Eu acho que você está quase perdendo o juízo.

NORA – Nunca me senti tão lúcida e segura como esta noite.

HELMER – E lúcida e segura você abandona seu marido e seus filhos?

NORA – É o que vou fazer.

HELMER – Então só há uma explicação.

NORA – Qual?

HELMER – Você não me ama mais.

NORA – Sim, é exatamente isso.

HELMER – Nora! Como você pode dizer isso?

NORA – Ah, eu lamento muito, Torvald, porque você sempre foi muito bom para mim. Mas eu não posso fazer nada contra isso. Eu não o amo mais.

HELMER – (*Esforçando-se para manter-se calmo.*) Isso também é uma convicção lúcida e segura?

NORA- Sim, totalmente lúcida e segura. Por isso não quero mais continuar aqui.

HELMER – E você pode me explicar como eu perdi seu amor?

NORA- Posso. Foi esta noite, quando o prodígio não aconteceu. Aí eu vi que você não era o homem que eu imaginava.

HELMER – Explique melhor, não estou entendendo.

NORA- Oito anos eu esperei, com tanta paciência! Porque eu sabia que um prodígio não aparece assim no dia a dia. E de repente desabou o mundo sobre mim e tive a certeza que era a hora, agora o prodígio ia acontecer. Enquanto a carta de Krogstad estava lá fora... Nunca pensei, nem um só momento, que você pudesse ceder às condições desse homem. Tinha certeza absoluta que você ia dizer a ele: “vá, espalhe esse caso para todo mundo”. E quando isso acontecesse...

HELMER – O que? Queria que eu tivesse condenado minha própria esposa à vergonha e à desonra...

NORA- ...quando isso acontecesse eu tinha certeza absoluta que você apareceria e assumiria tudo, dizendo: “eu sou o culpado”.

HELMER – Nora!

NORA- Você vai me dizer que eu nunca aceitaria que fizesse um sacrifício assim. Não, é claro. Mas de que valeriam as minhas palavras diante das suas? No meio do meu pavor, foi esse o prodígio que eu esperei tanto que acontecesse. E para evitar isso foi que eu quis acabar com a minha vida.

HELMER – Nora, por você eu seria capaz de trabalhar dia e noite com alegria. De agüentar dor e miséria por sua causa. Mas não há ninguém que sacrifique sua honra por aquele que ama.

NORA- Centenas de milhares de mulheres fizeram isso.

HELMER – Ah, você pensa e fala como uma criança insensata.

NORA- Talvez. Mas você não pensa nem fala como o homem a quem eu possa me unir. Uma vez passado o seu susto... não daquilo que ameaçava a mim, mas daquilo que ameaçava você mesmo, e quando todo o perigo tinha passado, era como se nada daquilo tivesse acontecido. Eu era sua cotovia, exatamente como antes, sua boneca, que você de agora em diante ia carregar com cuidado duplo nos seus braços, já que era tão frágil e delicada. (*Ela se levanta.*) Torvald... naquele momento me dei conta de que vivi durante oito anos com um homem estranho e que tive três filhos...ah, não agüento pensar nisso. Tenho vontade de me rasgar em muitos pedaços.

HELMER – (*Com voz grave.*) Estou vendo, estou vendo. Abriu-se um abismo entre nós dois. Nora, não seria possível cruzá-lo?

NORA- Como eu sou agora não posso ser sua mulher.

HELMER – Eu tenho força para ser outro.

NORA- Talvez... se lhe tirarem a boneca.

HELMER – Me separar de você... Não, não, Nora. Não posso aceitar essa idéia.

NORA-(*Entra à direita.*) Por isso mesmo tem que acontecer. (*Ela volta com seu casaco e chapéu e uma pequena valise que põe na cadeira da mesa.*)

HELMER – Nora, Nora, agora não. Espere até amanhã.

NORA- (*Vestindo o casaco.*) Não posso passar a noite na casa de um estranho.

HELMER – Mas não poderíamos viver aqui como irmãos?

NORA- (*Segurando o chapéu.*) Você sabe que não ia durar muito tempo. (*Se envolve no xale.*) Adeus, Torvald. Não quero envolver as crianças. Sei que estão em melhores mãos do que as minhas. Assim como sou agora, não posso ser uma boa mãe para elas.

HELMER – Mas algum dia, Nora, algum dia...

NORA- Como posso saber? Eu nem sei o que vai ser de mim.

HELMER – Mas você é minha mulher, assim como é agora e assim como será.

NORA- Escute, Torvald. Quando uma mulher abandona a casa do seu marido, como estou fazendo, o marido é liberado de todas as suas obrigações para com ela. É o que diz a lei, pelo que eu sei. Eu, pelo menos, libero você de qualquer obrigação. Não se sinta preso, que eu também não me sentirei. Deve haver liberdade total de parte a parte. Olhe, aqui está o meu anel. Me dê o seu.

HELMER – Isso também?

NORA- Também.

HELMER – Está aqui.

NORA- Então... agora acabou tudo. Deixo aqui as chaves. As criadas sabem tudo da casa melhor do que eu. Amanhã, depois da minha partida, Cristina virá juntar todas as coisas que eu trouxe de casa. Queria que me mandassem.

HELMER – Acabou tudo! Nora, você nunca mais vai pensar em mim?

NORA- Vou pensar em você muitas vezes, nas crianças, nesta casa.

HELMER – Posso lhe escrever, Nora?

NORA- Não, nunca. Eu lhe proíbo.

HELMER – Ah, mas posso lhe mandar alguma coisa...

NORA- Nada, nada.

HELMER – Ajudar você, se for preciso.

NORA- Não, já disse. Não aceito nada de estranhos.

HELMER – Nora, nunca vou ser mais do que um estranho para você?

NORA- (*Pegando a mala.*) Ah, Torvald, só se um prodígio...

HELMER – Que prodígio?

NORA- Que você e eu nos transformássemos tanto que... ah, Torvald, eu não acredito mais em prodígios.

HELMER – Mas eu quero acreditar. Diga, nos transformássemos tanto que...o que?

NORA- Tanto que a nossa vida, juntos, pudesse ser...um verdadeiro casamento. Adeus. (Sai pela *ante-sala*.)

HELMER – (*Afunda numa cadeira ao lado da porta, pondo as mãos sobre o rosto.*) Nora! Nora! (*Olha para a frente e levanta-se.*) Nada. Ela não está mais aqui. (*Uma esperança aparece nele.*) Um prodígio? (*Escuta-se a porta fechar.*)

FIM

Este livro foi distribuído cortesia de:



Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:

<http://portugues.Free-eBooks.net>

*Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente,
selecionando uma das opções abaixo:*



Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter
experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas,
nós apreciáramos se você

["postar um comentário para este livro aqui"](#) .



Informações sobre direitos autorais

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimentos de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

<http://portugues.free-ebooks.net/tos.html>